



ERIC NOVELLO  
FERNANDA CASTRO  
ROBERTO CAUSO  
RODRIGO ASSIS MESQUITA  
RODRIGO VAN KAMPEN

ORGANIZAÇÃO: JANA BIANCHI • CAPA: BRUNO MÜLLER

Nº 01  
PARTE 4 DE 4  
ABR/2018

# ÍNDICE

Editorial N°01-4	3
Tons de Rosa	4
PARTE 4	5
<deletado>	12
PARTE 4	13
Pé de Coelho	20
PARTE 4	21
Encantadores de Dragão	24
PARTE 4	25
Eterna: A Cidade Perdida	29
PARTE 4	30



## Editorial N°01-4

**E** chegamos ao fim da primeira edição da Mafagafo! Espero que você tenha curtido a viagem tanto quanto eu. Além de ter me divertido com cada um dos cinco contos, aprendi demais com o processo de criar a revista e editar essa edição piloto. Fazer e manter o site e as redes sociais, gerenciar as entregas dos materiais, preparar os textos, preparar os e-books, diagramar o PDF, descobrir como disponibilizar a revista pro público, escrever o edital pra próxima edição, receber as submissões... Todos processos novos e não tão simples que tive que aprender fazendo e pedindo ajuda por aí. E foi incrível!

Aliás: muito obrigada, [Rodrigo van Kampen](#), por ter me conduzido com tanta paciência pelo começo dessa trilha doida que é o processo de criar e manter uma revista literária. Obrigada também, [Lucas Ferraz](#), pelo seu [valiosíssimo artigo sobre criação de ebooks](#), fora as ajudas que me deu quando te procurei. Agradeço também a você, [Lucas Radaelli](#), pela disposição, paciência e generosidade na hora de me explicar como tornar o site e todos os formatos da revista acessíveis aos leitores de tela, assim como o toque sobre a necessidade de descrever todas as imagens. E obrigada também a todos os envolvidos com essa primeira edição: Fernanda Castro (que também betou todas as edições prontas pra não me deixar publicar nenhuma bobagem), Vitor Clemente, Rodrigo Assis Mesquita, Thiago Lee, Gaby Firmo, Eric Novello, Bruno Müller (que é também criador do logo da Mafagafo e das maravilhosas capas dessa edição), João Pedro Lima, Jânio Garcia, Roberto Causo e Santiago Santos — além dos queridos Paola Siviero, Soraya Coelho e Diogo Andrade que ajudaram nas discussões preliminares sobre o formato da revista.

Um último agradecimento geral pra todo mundo que deu feedbacks sobre os contos e também sobre a revista em si. Já estamos cogitando várias pequenas alterações pra próxima edição, como ilustrações maiores e em melhor resolução, um parágrafo resumindo o que aconteceu “nos últimos capítulos”, uma diagramação mais bonita pro PDF (obrigada [Angelo Dias](#) e [Raphael Andrade](#) pela disposição em ajudar), a presença da página introdutória com sinopse e biografias apenas na Parte 1 de cada história e outras coisinhas mais.

Falando nisso: você concorda com essas mudanças? Tem alguma outra ideia além dessas? Ainda queremos saber o que você está achando da experiência de ler uma história quebrada em partes. Também queremos saber o que acharam das histórias agora que elas chegaram ao fim! Pra conversar com a gente, você pode mandar um e-mail pra [mafagafochefe@mafagaforevista.com.br](mailto:mafagafochefe@mafagaforevista.com.br), deixar um tuíte lá no [@mafagaforevista](#), uma mensagem direta no nosso Instagram [@mafagaforevista](#) ou mesmo um comentário na página do Facebook, [Mafagafo Revista](#). Se você usa alguma rede social de leitura, pode também deixar sua opinião e adicionar a Parte 1 ([Goodreads](#), [Skoob](#)), a Parte 2 ([Goodreads](#), [Skoob](#)), a Parte 3 ([Goodreads](#), [Skoob](#)) e a Parte 4 ([Goodreads](#), [Skoob](#)) nas suas estantes.

Se você gostou da revista e quer participar, visite <http://mafagaforevista.com.br/submissoes/>. As submissões para contos e noveletas de 4.000 a 17.500 palavras já estão fechadas, mas você ainda pode enviar flash fictions de 300 a 1.000 palavras ou demonstrar seu interesse de colaborar como ilustradore solo até dia 31 de maio!

Se você chegou aqui sem saber muito sobre o projeto, visite [www.mafagaforevista.com.br](http://www.mafagaforevista.com.br) e fique a par de tudo o que acontece no Ninho — lá tem a resposta às perguntas frequentes, inclusive o que raios é uma revista. Aliás, se você conheceu a Mafagafo através desta parte, recomendo que visite o site e baixe as partes anteriores. Aproveite a visita e assine nossa newsletter pra não perder as novidades sobre nossa segunda edição, que deve sair perto do fim de 2018.

E claro, compartilhe com seus amigos a palavra e o link para baixar todas as partes dessa edição! :)

Jana Bianchi  
Mafagafo Chefe & Editora



# Tons de Rosa

por Fernanda Castro

Quando a assistente social Maíra retorna à cidade de sua infância, no coração do Pará, sabe que terá pela frente uma missão insólita: lidar com o misticismo da comunidade para colocar em prática políticas de prevenção capazes de evitar o afogamento de crianças ribeirinhas — segundo os habitantes de Miracema, criança que cai no rio é filha do boto. Em meio às viagens de barco, ao clima abafado e aos temperos do jambu e do tacacá, Maíra precisará investigar a origem dessa lenda centenária, lutando contra a crendice e a desinformação que ela julga serem disseminadas pela líder espiritual do lugar. E, entre alguns copos de cerveja e olhares trocados no Bar da Cuíca, talvez Maíra descubra coisas inacreditáveis. Principalmente sobre si mesma.



## Autoria

### FERNANDA CASTRO

Fernanda Castro é a traça-chefe do *The Bookworm Scientist*, blog literário interessado em dissecar obras e autores de fantasia, uma página por vez. Passou boa parte de seus 26 anos com o nariz enfiado num livro (o que talvez explique a miopia). Já publicou um conto na *Revista Trásgo*, foi organizadora da antologia *Valquírias* e atualmente pesquisa a área de *transmedia storytelling*. Nas horas vagas faz crochê, é mãe de calopsitas e tenta ler só mais um capítulo rapidinho antes de dormir.

[www.bookwormscientist.com/](http://www.bookwormscientist.com/)

[www.fb.com/thebookwormscientist/](https://www.facebook.com/thebookwormscientist/)

[contato@bookwormscientist.com](mailto:contato@bookwormscientist.com)

## Edição

### JANA BIANCHI

Jana Bianchi é engenheira, escritora, viajante, colaboradora do Clube de Autores de Fantasia, roteirista e co-host do podcast *Curta Ficção*, co-host do podcast *Desafio Ex Machina*, colaboradora do jornal satírico *Tempos Fantásticos* e passeadora de lobisomens.

Entre outros, publicou a novela *Lobo de Rua* (Dame Blanche), a noveleta independente *Sombras* e o conto “*Analogia*” (*Revista Trásgo* #09). Desde 2014, passa metade do tempo em Paulínia (SP) e a outra metade na Galeria Creta, estabelecimento dos submundos de São Paulo onde a realização de qualquer desejo está sempre em estoque. Pode ser encontrada no Twitter como [@janapbianchi](https://twitter.com/janapbianchi) e na newsletter que pode ser assinada em

[www.galeriacreta.com.br/beco](http://www.galeriacreta.com.br/beco).



## Ilustrações

### VITOR CLEMENTE

Vitor Clemente tem 23 anos, sagitariano, formou-se em produção publicitária e atualmente trabalha no ramo editorial, mas sempre que tem um espaço no tempo dedica-se às suas ilustrações ou fica pensando em uma nova. Adora descobrir uma saga de fantasia onde pode viajar para outros mundos. Seu livro favorito chama-se *O Nome do Vento*, sua animação favorita é *Avatar*, sua casa é a Corvinal e seu patrono é um golfinho (segundo o Pottermore, é claro).

Instagram [@vithxrcs](https://www.instagram.com/vithxrcs)



# Tons de Rosa

## PARTE 4



**O** cansaço não era motivo suficiente para diminuir a determinação de Maíra em encontrar Delfim. Enquanto balançava na correnteza, prometia a si mesma que não retornaria ao Bar da Cuíca de mãos vazias.

Uma curva do rio revelou o pedaço de terra onde Mãe Preta morava. Naquela época do ano, com a cheia, não passava de uma ilhota, um lamaçal com um casebre no meio e um cercado com porcos e galinhas.

Maíra desligou o motor e deixou a embarcação aproximar-se com calma, sem fazer barulho. Não havia ninguém do lado de fora. As janelas de lona e tábuas de madeira estavam fechadas e não havia barco algum à vista. Apenas os bichos e o vento que balançava os chumaços de ervas medicinais que pendiam das vigas da varanda. Não que isso tivesse importância. Sabia que a velha estaria em casa e que estaria muito bem acompanhada. O fato de Mãe Preta fingir estar ausente era mais uma comprovação de suas suspeitas.

Pulou do barco com a água na altura do joelho e amarrou as cordas em torno de um tronco podre que fazia as vezes de píer. Na temporada seca, tudo aquilo voltaria a ser areia, e as canoas ficariam completamente fora do rio. Aquele sentimento de renovação cíclica sempre parecia familiar e reconfortante para Maíra, um lembrete de que tudo pode ser reconstruído. Ali, no entanto, a sensação de estar cercada de água turva por todos os lados causava-lhe desconforto. Aproximou-se em linha reta do casebre. Não via motivo para tentar se esconder. Suas pernas espanando água e o barulho do solado da bota contra a areia já eram anúncio suficiente.

Parou bem em frente à porta, cruzou os braços e aguardou. Poucos segundos depois, a porta foi aberta e o rosto enrugado de Mãe Preta emergiu da escuridão. As duas se olharam, em silêncio, a expressão dura de Maíra contrastando com a calma e resiliência da velha.

Por fim, Mãe Preta soltou um suspiro e sorriu para a recém-chegada.



— Já descobriu tudo, não foi, filha?

— Cadê ele?

Mãe Preta ampliou o sorriso, exibindo as gengivas desdentadas.

— Entre. Vocês dois têm muito o que conversar. Já você entende.

A curandeira deu as costas e arrastou-se para dentro. Maíra hesitou. Lá dentro estava realmente escuro. Seria uma armadilha? Como seria estar cara a cara com o boto assassino de Miracema? Ainda assim, obrigou o corpo a avançar.

Já estivera dentro do barraco em outras ocasiões, tentando convencer a idosa a colaborar com seu trabalho de assistente social, mas foi a primeira vez que aquela casinha de madeira lhe arrancou um arquejo tão logo atravessou a porta. Foi a primeira vez que realmente enxergou o lugar, absorvendo-o por inteiro.

Sentiu-se transportada ao passado: o fogão à lenha no chão, os potes de barro, as rendas cobrindo a mesa, a palha trançada de palmeira fazendo as vezes de tapete. Boa parte das moradias ribeirinhas conservava esse ar rústico, repleto de tradição, mas em quase todas já havia sinais do progresso: celulares, antenas ilegais de TV a cabo, uma camisa com estampa de super-herói pendurada no varal. Mas não na casa de Mãe Preta. Nada ali sugeria a chegada do século XXI.

— Você continua sem dormir, né?

Maíra virou rápido na direção da voz. Delfim estava no canto da cozinha, junto ao fogo, precariamente sentado num banquinho de madeira feito para alguém de menor estatura. Seu rosto continuava amigável, embora aparentasse cansaço.

— Estive resolvendo umas coisas. Investigando — ela respondeu. — Você também não parece estar nos seus melhores dias.

Ele riu.

— Não, não pareço mesmo.

A risada de Delfim foi tão franca, tão verdadeira, que Maíra sentiu-se tentada a relaxar. Poderia jurar que estavam apenas no delicioso jogo de gato e rato do trabalho. Ou que ele não parecia em nada com um ser mitológico assassino de criancinhas. Tivera medo de como confrontá-lo e agora sentia que os dois poderiam muito bem sair e dividir uma cerveja.

Era uma pena que tivesse a marca de Tião registrada com tanta clareza na mente.

— Estão dizendo lá no centro que você está encrencado, boto.

O sorriso perdeu a força no semblante de Delfim, mas continuou por ali, dando-lhe um ar de divertida contemplação. Mãe Preta cantarolava baixinho, agachada em uma das esteiras de palha, encarando o chão. Delfim indicou outro banquinho de madeira, mas a assistente não deu a menor indicação de que iria se sentar.

— Quando fui informado de que você estava vindo — disse ele, aceitando que Maíra permaneceria de pé — minha ideia era confundi-la, deixá-la bem longe dos meus assuntos. Fiz de tudo para conseguir o contrato com o prefeito. Mas assim que conheci você... soube que descobriria. Era uma questão de tempo.

— Por que não fugiu?

— Ora, eu ia! — ele justificou. — Só precisava aguardar Tião cair na água e então partiria de Miracema.

Maíra lutou contra o nojo diante daquelas palavras. Fez o possível para manter o tom seco e desprovido de emoção.

— Está falando do contrato grande em Belém.

Ele concordou.

— Nunca ficar muito tempo na mesma cidade é a regra número um. Só que você descobriu antes. Você e Sebastião.

— Então por que não fugir agora? Mãe Preta não tem uma canoa? Não é grande coisa, mas alguém como você poderia chegar longe com ela...

— Ainda... não estou pronto. Escondemos o barco para que não viesse nenhuma visita.

A resposta não fazia sentido, mas Maíra não queria demonstrar sua ignorância. Resolveu tentar a dona da casa.

— E a senhora? Por que ajuda um monstro como ele?

Mãe Preta sorriu para o hóspede e estendeu a mão com dificuldade para ele. Delfim a segurou e beijou sua pele enrugada com ternura.

— Delfim é um amigo de muito tempo... — disse a velha com os olhos embevecidos de amor.



Aquilo realmente pegou Maíra desprevenida. Ela alternava o olhar entre o casal improvável e sabia que a confusão estaria estampada em sua testa.

— Delfim chegou em Miracema quando eu era menina moça — Mãe Preta apiedou-se da visitante e começou a explicar. — Era o homem mais lindo que eu já tinha visto. Usava terno branco... uma belezura. E tinha exatamente o mesmo rosto de agora, só que de bigode e cabelo partido em risca...

A velhinha estava louca. Só podia estar. A idade finalmente levava suas faculdades mentais. Maíra olhou para Delfim em busca de apoio.

— Eu realmente gostava daquele terno... — ele suspirou, nostálgico, para desespero da assistente social.

— Q-Quantos anos você tem?

Delfim não respondeu, preferindo continuar seu relato:

— Mãe Preta foi a primeira pessoa a descobrir sobre mim. Só que naquela época ela tinha outro nome... Inácia.

A velha corou levemente.

— Eu ainda estava aprendendo o meu ofício de curandeira. Ficamos juntos até a última criança ser recolhida — disse Inácia. — E então Delfim partiu. Não achei que fosse vê-lo novamente, mas os espíritos foram bons. Quando dei por mim, meu moço bonito estava de volta...

— A senhora nunca teve filhos? Ou teve e deixou que todos se afogassem?

— Nunca tive. Delfim não faz menino em moça solteira.

Ela disse aquilo com quase pesar, e Maíra dirigiu um olhar questionador para o boto.

— Engravidar mulheres solteiras é mais complicado... e menos justo — Delfim explicou. — Crianças fora do casamento geram perguntas, exigem reparações. Todos querem saber quem é o pai. Além disso, quero que meus filhos cresçam em bons lares, em famílias amorosas. Precisam engordar, crescer. Quero... quero que alguém cumpra para eles o papel paterno que jamais poderei representar. Por isso os faço com as feições dos pais adotivos.

— Delfim sofre muito com a distância... — comentou Mãe Preta.

Maíra afundou as mãos no cabelo e lutou para conter um palavrão.

— Sofre? — disse com escárnio. — Delfim sofre? Você mata os seus próprios filhos! Você destrói famílias!

— Nunca matei nenhum filho, eles são a minha vida! — o boto ofendeu-se.

— Eu vi o corpo de Tião. Eu vi as fotos de todos eles. Afogados, inchados — ela cuspiu as palavras —, as infâncias interrompidas. E todo esse tempo, eu me culpava! Achava que não estava fazendo meu trabalho direito. E você? Você estava lá, me dizendo palavras de incentivo! Como eu pude ser tão otária? Foi divertido me ver assim?

Mãe Preta tentou segurá-la pelos ombros, mas a assistente desvencilhou-se com violência.

— Eu devia levar você arrastado até Sebastião, monstro. Ele saberia o que fazer com você.

Delfim fechou os olhos e, pela primeira vez, Maíra notou uma faísca de medo em seu semblante. Ainda assim, falou com tranquilidade:

— Se for sua vontade, Maíra... Não vou resistir.

— Está dizendo que vai se entregar pra polícia?

— Se você quiser, não vou ter como impedir.

— E quer mesmo que eu acredite nisso? Quanto tempo levaríamos no barco até você me atacar e me afogar também?

Delfim bufou de frustração e abriu os braços.

— Ah, qual é, Maíra! Sinceramente. Olha bem pra minha cara! Ficamos sozinhos um monte de vezes. Eu jamais machucaria você. Eu jamais machucaria qualquer pessoa, assim como nunca fiz nada contra meus filhos, suas mães, seus padrastos ou qualquer outro habitante de Miracema.

— Mas...

— Eu sou amor, Maíra. Eu apenas amo. E amo tudo e todas as coisas e tudo isso ao mesmo tempo. E eu amo você. Jamais a machucaria. Então se você quiser me entregar, tudo bem, vamos lá até Sebastião e ele vai me encher de porrada e vai arrancar os meus olhos, a minha língua, o meu...

— Ele apertou levemente a braguilha. — Enfim, faremos qualquer coisa. Mas eu preciso que você espere até os meus filhos estarem prontos.

Maíra deu um passo para trás, nervosa. Não sabia o que dizer, o que pensar, como agir. Não queria condenar ninguém à morte, tampouco queria perdoá-lo. Delfim a deixava entorpecida, com



aquela sensação de estar sendo menos rígida do que o necessário. Precisava ficar alerta e, ao mesmo tempo... queria que ele estivesse falando a verdade. Olegário tinha razão: Miracema não merecia um final tão trágico.

Sentiu que Mãe Preta tentava segurá-la novamente pelos ombros. O toque da dona da casa era gentil, mais um consolo do que uma tentativa de controlá-la, e por isso permitiu o afago. A velha lhe esfregou os braços, os cotovelos e os pulsos, apertando suas mãos.

— Você é boa, minha filha. Eu sei que é. Fiz seu parto e você foi uma criança boa. Assim como seu pai e sua mãe. Mas tem muito que você não sabe e mais ainda que você não viu. Deixe que Delfim mostre, dê-lhe uma chance. Peço pelo amor de seus pais.

O boto estendeu a mão para ela, convidando-a para vir com ele.

— Por favor.

Maíra hesitou. Seguir Delfim poderia significar a morte. Mas Mãe Preta usara um golpe muito baixo e Delfim tinha uma expressão tão doce...

Segurou a mão do homem e suspirou: é, ela poderia morrer. Mas precisava conhecer a verdade com os próprios olhos.

Delfim a conduziu até os fundos do casebre, para o terreno de trás da ilha. Ali, o rio formava uma espécie de piscina natural, uma faixa estreita de pouca profundidade e águas calmas, que lambiam a areia em marolinhas brilhantes. Formas escuras nadavam por ali, quatro vultos do tamanho de cães.

— O que são essas coisas? — Maíra perguntou, embora desconfiasse da resposta.

Delfim ergueu as calças até a altura dos joelhos e entrou no rio de pés descalços. As figuras nadaram imediatamente em sua direção, colocando as cabecinhas de boto para fora da água.

— O que você viu nos laudos do necrotério — ele explicou — foi apenas a casca. Assim como lagartas abandonam seus casulos para poder voar, meus filhos nascem humanos. Mas não é quem eles são de verdade.

Maíra estava em choque. Sem que percebesse, viu-se dentro da água, ajoelhada e boquiaberta. Um dos filhotes de boto, o menorzinho, veio nadando até ela, circundando-a e exibindo a barriga lisa e cinzenta.

— Ele está animado porque a reconheceu de quando ainda era menino — disse Delfim. — Vai ficar totalmente rosa quando ficar adulto.

Maíra arquejou. Emocionada, estendeu a mão para a pequena criatura, que correspondeu-lhe tocando de leve o focinho em sua palma. A pele era como borracha, escorregadia e estranhamente quente apesar da temperatura a água.

Era a coisa mais tocante que já havia presenciado. Lágrimas desciam por suas bochechas quando ela pronunciou baixinho:

— Tião?

O filhote emitiu um guincho agudo e mordiscou gentilmente a ponta de seus dedos. Maíra caiu em prantos. Delfim sentou a seu lado, dentro da água, e passou um braço ao redor dela. Seu calor a preencheu.

— Sei que é difícil de acreditar no começo. Faça isso desde muito antes de você nascer e, puxa, nunca deixou de ser difícil. Mas eu posso jurar a você que eles estão felizes, que eles estão completos. São exatamente quem deveriam ser. A vida na terra jamais bastaria para eles.

— Por quê? Por que faz isso? — ela perguntou, escondendo o rosto nos joelhos.

— Acho que... porque faz parte de mim. Eu estaria lutando contra a minha natureza e traindo a espécie se eu não fizesse isso.

— Os botos dependem de você engravidar mulheres casadas? — perguntou com sarcasmo.

— Não, eles podem se reproduzir sozinhos. — Delfim riu. — Mas nós estamos morrendo. Os botos estão à beira da extinção. Todos os dias, sinto meus filhos sendo capturados, assassinados, envenenados, expulsos do rio. Se existe um verdadeiro monstro, Maíra, é a sua espécie e não a minha. Eu apenas faço o possível para equilibrar os números. Porque é para eles que pende a minha lealdade.

— Você combate tristeza com mais tristeza, Delfim. Tira as crianças das mães. Você faz ideia do quanto Antônia sofreu?

O pequeno boto emitiu outro silvo dramático.

— As mães compreendem os riscos. Nunca faço nada que elas não queiram, lembra? Desde que a lenda do boto continue viva, as mulheres sabem o que podem encontrar. E quando os





filhotes vão embora... bem, elas sabem que eles seguiram seus destinos. E que tiveram todos aqueles anos para amá-las. É um presente.

— Não sei se um dia chegarei a concordar com isso.

Ele beijou-lhe a testa.

— Não espero que concorde, apenas que me compreenda. E que me dê tempo para levar meus filhotes até um braço de rio que seja seguro. Hoje à noite Tião estará pronto.

Maíra fungou, limpou o cantinho dos olhos e ficou observando o pequeno boto brincar com seus irmãos. Eles eram tão rápidos, tão elegantes... e tão inerentemente bons.

— Existem outros? — perguntou. — Digo, outros iguais a você?

— Eu não sei. Sinceramente, não sei. Acredito que existam, mas são poucos e jamais se revelam. Mas acho que nosso tempo nesse planeta está acabando. Falta pouco para que gente como eu deixe de existir.

— Por que?

Ele riu, dando de ombros. Naquele riso, Maíra pensou ter notado o peso de milênios de existência.

— Ora, por causa da tecnologia, é claro! — ele disse. — Imagine ser uma pessoa que nunca muda de rosto, que nunca morre. As coisas eram simples antes, bastava mudar de cidade e aguardar toda uma geração morrer de velhice antes de voltar. Um nome novo já significava uma vida nova. Mas agora... — Ele riu novamente. — Agora temos fotografias, internet. Precisamos de documentos, digitais, números de celular. Sei que fatalmente chegará o dia em que serei reconhecido, em que a Amazônia não passará de memórias. Você faz ideia de como essa floresta era enorme?

Maíra conteve o impulso de dizer “sinto muito”. Não parecia justo, ainda que lamentasse a situação da floresta. Ela também era filha da Amazônia. Uma filha pródiga, tudo bem, mas ainda assim legítima. Ao invés disso, preferiu dizer:

— Não vou entregar você pra polícia. Nem pro Sebastião.

Delfim pareceu surpreso.

— Maíra, isso é óti...

— Quero que você vá embora de Miracema.

— Sim, partirei hoje à noite, como havia dito.

— Não, você não está me entendendo.

Maíra virou-se para ele, segurando-o pelo colarinho da camisa. Seus narizes ficaram a milímetros de distância e ela podia sentir o cheiro convidativo que emanava de sua pele. Não importava. Ela estava tomada por uma determinação que feromônio nenhum poderia amansar.

— Quero que você vá embora de Miracema e nunca mais volte — disse, destacando cada sílaba com rigidez — Não importa se daqui a três ou vinte mil anos. Você nunca mais vai pisar aqui. Não na minha cidade. Se eu souber, se eu sequer sonhar que você colocou os pés em Miracema... Delfim, eu juro que te mato. Eu mesma. Pessoalmente. E vou estripá-lo e esquartejá-lo e vender cada pedacinho seu no mercado.

Largou a camisa do homem. Delfim engasgou e passou a mão pelo pescoço.

— Me parece bastante justo...

— Prometa.

— Eu prometo.

— Em nome dos seus filhos e na presença deles.

Delfim suspirou.

— Eu prometo.

\*

Maíra ficou no casebre até o sol se pôr e as primeiras estrelas despontarem no céu. Ajudou a recuperar a canoa de Mãe Preta, escondida num igapó próximo, e a preparar o farnel de Delfim. Quando chegou a hora, os três arrastaram a pequena embarcação até a piscina natural e se prepararam para dizer adeus.

— Inácia... — disse Delfim, abraçando Mãe Preta pela cintura. — Sempre vou amá-la. Você foi a mulher mais incrível que conheci. E eu posso dizer que conheci várias...

A velha riu, dando-lhe um tapinha no ombro.

— Safado. Sentirei sua falta, meu moço bonito.



Os dois se olharam por um tempo, emocionados, num silêncio repleto de significados. Delfim inclinou-se e a beijou. A cena era esquisita e Maíra pensou no que as mocinhas do Bar da Cuíca achariam disso. Quem diria que o coração do galã número um de Miracema pertenceria a uma senhora desprovida de dentes... Mas era inegável que havia sentimento ali, que havia amor. E era, a seu modo, algo bonito de presenciar.

Quando se separaram, foi a vez de Maíra. Delfim veio até ela com os mesmos olhos brilhantes e repletos de desejo que ela conhecia tão bem. Sentiu seu corpo esquentar.

— Opa, opa, hoje não, garanhão — disse ela, oferecendo a mão. — Quem sabe numa outra ocasião. Bem longe de Miracema.

Ele riu. Ao invés de apertar, levou a mão de Maíra aos lábios e a beijou.

— Obrigado, Dona Maíra. Muito obrigado.

— Não tem de quê. Agora vaza logo com essa tua canoa antes que eu me arrependa.

Delfim piscou para ela, divertido, e saltou para dentro do barco. Preparou os remos, acomodou o farnel sob os pés e assobiou para os filhotes. Os quatro botos rodearam a embarcação. Pareciam empolgados.

Delfim começou a remar.

— Você não devia ser capaz de virar boto? — ela gritou depois de um tempo, colocando as mãos em concha para vencer a distância.

O sorriso do homem brilhou na noite e ele gritou de volta.

— Não é bem assim que funciona! Mas um dia eu posso te contar melhor!

A canoa foi diminuindo, diminuindo, até virar um pontinho no horizonte e depois nada mais. Maíra sentiu um estranho vazio no peito. Ao seu lado, Inácia chorava.

Abraçou a velha.

— E quanto a nós, Mãe Preta?

A curandeira ergueu os olhos lacrimosos para ela.

— O que tem nós?

— O que fazemos agora?

— Ah, o mesmo que venho fazendo ao longo dos últimos setenta anos, filha. A gente fica pra apagar os rastros. Pra convencer o povo e principalmente Sebastião de que Delfim era só um barqueiro e de que o boto ainda está por aí, vivendo no rio e aguardando uma noite de lua cheia. Ajudamos Antônia com o novo bebê. Essas coisas. A vida das esposas do boto é difícil. Imagina a das amantes.

Maíra concordou com a cabeça, afagando as costas da idosa. De repente, um pensamento divertido lhe ocorreu.

— A senhora nunca ficou com ciúmes? Ele me pedia para dormir na minha casa todo santo dia. Nunca ficou maluca com tantas mulheres?

A velhinha riu, limpando as lágrimas.

— No começo sim. Mas depois percebi que Delfim nunca foi meu para que tivesse ciúmes. Ele não é de ninguém porque ele não ama a nós, mas ao feminino em si, à vida. A única coisa realmente nossa é o tempo que passamos com ele, com os carinhos dele. E isso precisa bastar.

Maíra meditou sobre aquilo, tentando extrair alguma pérola de sabedoria ancestral. Mãe Preta, por outro lado, foi muito mais prática:

— É uma benção que você nunca tenha dormido com ele.

— Perdão? — disse Maíra sem entender.

— Se tivesse, a moça aí nunca mais ia achar a mesma graça nos homens. — Balançou a cabeça com pesar. — Quer um café? Vou passar um fresquinho.

\*

Ela esperou apenas o tempo da gestação de Antônia. A menininha nasceu forte, gordinha, uma coisa linda. Recebeu o nome de Sebastiana e matava o pai xará de orgulho.

Depois, Maíra foi embora. Pegou um barco pra Belém, onde o avião a esperava. Não tinha destino certo, sentia que não precisava ter. Merecia um tempo, o pai a compreenderia. Havia muito mais coisas a descobrir no mundo e ela não queria perder nada.

A despedida foi lá no Olegário. Mãe Preta também foi. Até o prefeito apareceu. Maíra assegurou a Rubem Franca que as medidas de segurança foram implantadas e que a taxa de afogamentos diminuiria dali pra frente. Ele não precisava saber quais medidas.



E depois ela pegou o barco.

No caminho, entre o sobe e desce das marolas, Maíra viu um boto-cor-de-rosa. Foi rápido, apenas uma barbatana cortando a água. Mas ela se sentiu especial. Sentiu que, de alguma forma, fizera a escolha certa. Acobertara um ser mitológico com a ajuda de uma curandeira.

Quem diria, logo ela. Dona Maíra, moça da cidade, coração de Miracema.

## FIM



## &lt;deletado&gt;

por Rodrigo Assis Mesquita

Num futuro próximo, <deletado> é convidado pelo Doutor para criar um software revolucionário, com capacidade de coletar, apagar e editar todas as informações do mundo em tempo real: o Compilador da História.

**Autoria****RODRIGO ASSIS MESQUITA**

Rodrigo Assis Mesquita, [deletado], é adepto da pré-pós-verdade, da liberdade dentro da cabeça e do brigadeiro de colher. Autor principalmente de ficção científica e fantasia, com contos e novelas publicados e despublicados, é criador do universo Brasil Cyberpunk 2115.

[Fio Puxado na Amazon](#)

**Edição**  
**THIAGO LEE**

Escritor, podcaster e ser humano nas horas vagas. Escreve fantasia, ficção científica e terror. Tem um livro e diversos contos publicados por aí. Possui formação na área de editoração e já trabalhou com revisão e leitura crítica. Finalista do prêmio Brasil em Prosa 2015, da Amazon Brasil. Host no podcast *Curta Ficção*.

[www.thiagolee.com.br](http://www.thiagolee.com.br)  
[www.curtaficcao.com.br](http://www.curtaficcao.com.br)  
[www.fb.com/thiagolee](http://www.fb.com/thiagolee)  
Twitter @thiagoeulee

**Ilustrações****GABY FIRMO**

É cantora, ilustradora e escritora natural de São Paulo, capital. Foi atuante na gravadora "Gota Mágica", e em animações das décadas de noventa descobriu sua paixão por novos universos. Ganhadora do Concurso Cultural da Editora Pandorga em 2016, onde publicou seu primeiro romance *Rubra: A guerreira carmesim*.

[www.gabyfirmo.com](http://www.gabyfirmo.com)



# <deletado>

## PARTE 4



<V< voltar><resumir> Tudo ao redor parecia ter o único propósito de me vigiar. Gravei um vídeo e salvei num pendrive. Não queria saber do Doutor.  
<resumir:fim><continuar>

Quando Bê retornou dos Montes de Janeiro, fui buscá-la no aeroporto. Apertei tanto o anel na palma da mão que as unhas entraram na pele. Ela odiava gestos românticos escandalosos, mas eu não podia perder a oportunidade.

Eu gritei seu nome. Ela levantou a cabeça, sorriu e correu pra mim. O abraço foi tão forte que quase quebrou meu pescoço.

— Te-amo, te-amo, te-amo, te-amo, te-amo. — Ela beijou minha cara inteira.

— Também, sua doida.

— Estou tão feliz por ter vindo me buscar. — Bê parecia um esquilo e apertou minha mão até doer.

Então me ajoelhei devagar sem perder contato visual.

Ela me questionou com o olhar.

— Bê, você quer casar comigo?

— Filho da puta. Mandou bem. — Ela gaguejou. — Claro, sim, claro!

Eu deslizei o anel no dedo correto e ela me levantou.

<editar> <escrever> Ela hesitou e respondeu um “sim” seco. <escrever:fim>

(Você agora pode editar memórias, mas não a verdadeira felicidade.)

<pular>

Bê entrou pisando firme no nosso escritório com dois guardas no encalço.

— Senhora, a senhora tem que guardar os objetos pessoais no armário externo — um deles disse.



— Não me toque, tire a mão da minha bolsa — ela gritou. — Eu mato vocês dois, juro. Arranco a cabeça de vocês com meu krav magá.

Levantei.

— Senhor, é o nosso trabalho — o outro homem disse.

— Também temos o nosso trabalho. Quer que eu ligue pra diretoria? Pro Gerson? —

Enfatizei o “Gerson”.

Os guardas ameaçaram um movimento, se entreolharam e saíram.

(Gostei do sorriso, Gerson. Pena que não o vejo numa resolução tão boa quanto a da sua tela-parede.)

Bê se largou na cadeira, pôs a bolsa no chão ao lado da torre do computador e digitou freneticamente. Dava pra ver que tinha chorado.

— O que aconteceu, Bê?

— Não dá mais. Não aguento mais. Quero sair daqui. Quero ir embora.

— Aconteceu alguma coisa?

— Tudo. Essa merda que estamos fazendo, essa empresa, esses imbecis aí fora. Isso não é vida, <deletado>, é uma prisão embalada como vida. Não estudei pra isso, não quero mais mexer nisso. Fico pensando nos imbecis de RH que em alguma dinâmica de grupo em algum lugar se juntaram ao pessoal da propaganda e disseram, “ei, vamos escravizar esse povo e vender como realização pessoal”, e daí todos riram.

Aproximei a boca do ouvido dela e sussurrei:

— Calma, Bê, você está dizendo umas coisas perigosas.

— E daí? — Ela mostrou o dedo do meio pras câmeras e digitou alguma coisa.

Minhas mãos suaram.

— Sabe o que devíamos fazer, <deletado>? Ir embora. Agora. Com as roupas do corpo e só. Temos dinheiro, vamos fugir pro Uruguai.

Ri de nervoso.

— Não, é sério. Vamos embora. Por favor.

— Bê... — Enxuguei uma lágrima do rosto dela.

— Por favor.

— Não dá. Não posso — murmurei.

Ela me encarou por um segundo, pegou a bolsa e partiu.

<pular>

O Doutor mandou uma mensagem de parabéns pelo nosso casamento: “Tudo de bom para o feliz casal. Infelizmente, não poderei comparecer à cerimônia. Um presente esperará por vocês na volta da lua de mel. PS: não se preocupem com o projeto. Os problemas foram resolvidos. <deletado>, você é um colaborador inestimável e um amigo. Nós vamos mudar o mundo. Beatriz, obrigado pelo bom trabalho.”

<voltar> <editar> <erro de checksum>

(Você está mexendo em blocos na minha mente, tentando realocar memórias. Acha que o ser humano é uma mídia que dá pra ser editada livremente?)

Havia um pacote na sala quando voltamos da lua de mel. Não confiamos nossa senha da porta a ninguém.

— <deletado>, não há motivo pra surtar — Bê disse.

— Isso é uma mensagem dele pra nós.

— Nem abra. Vou enfiar num saco e por pra fora com o lixo. Ou você mesmo pode jogar fora, se achar melhor.

Tinha uma folha de papel de aproximadamente trinta por dezoito centímetros colada na embalagem. A transgressão era evidente.

— “Para o feliz casal, tudo o que merecem”, é o que diz aqui em vermelho — li em voz alta.

Meu coração bateu binário, num um e zero de alta frequência, enquanto minhas mãos atacavam o pacote de papelão. Dentro, um velho porta-retrato deitado em plástico-bolha. O mesmo modelo que adornou meu criado-mudo na infância. Meu dedão deixou um rastro úmido no botão de ligar. O homem sorridente e oscilante me encarava novamente.

— Nunca contei essa história pra ninguém, Beatriz.

— O que você quer dizer?

— O porta-retrato digital. Só você sabia dele. — Chacoalhei o dispositivo no ar.

— Você devia pensar muito bem antes de falar merda, <deletado>, muito bem.



— Você é uma infiltrada dele? Hein? Está ganhando um extra pra relatar a minha vida?

— Seu f...

Beatriz estacou à porta do apartamento. Imaginei que ela fosse brigar comigo, me xingar dos piores nomes. Mas só derramou lágrimas de ódio e saiu a passos largos, pra clarear a mente, como diria.

Desmoronei no sofá com o porta-retratos na mão. Meu corpo inteiro tremia. Mila também sabia da história, claro, além da minha mãe. Ao meu lado, Pelota se lambia meticulosamente.

No assoalho, estava a folha de papel com a nota em vermelho. Daquele ângulo, percebi que tinha algo impresso sob a mensagem a tinta: “Das bases para P=NP: Construindo um algoritmo para um mundo aberto”.

(Pode confessar que foi você.)

<pular>

O Compilador da História tinha sido concluído na nossa ausência.

O Doutor transmitiu ao vivo na hipernet a apresentação do produto. No palco, Bê e eu o cumprimentamos. Ele insistiu que eu dissesse umas palavras. Queria denunciar o projeto, apresentar evidências contra aquele bandido, arrancar o sorriso irritante do rosto paternal. Não fiz nada disso. Só me lembro das luzes dos spots na minha cara e de Bê encerrando a nossa participação com um “obrigada”. Ele nos anunciou como Vice-Presidente e Diretora-Geral de Projetos.

Chegou a inaugurar um laboratório de pesquisa e desenvolvimento com o nome da minha mãe. <editar> <deletar>

<pular>

Mila me encontrou uma última vez.

Bê e eu andávamos na rua entre uma pequena multidão de pessoas à espera de serviço quando tropecei no meu cadarço desamarrado e me distanciei dela, levada pela onda que seguia em frente.

Quando me agachei, uma voz conhecida falou:

— Perdeu alguma coisa?

Entre a floresta de pernas, respondi:

— Mila? <salvar posição>

— Finja que está amarrando o sapato.

— Eu estou amarrando o sapato mesmo.

— Aquela era sua esposa?

— Sim.

— Ela é confiável?

— Cem por cento.

— Imagino que tenha visto as notícias.

— É a última moda.

Um homem se agachou também.

— Chispa daqui, tarado! — Mila o enxotou. — Então, sou uma terrorista agora.

— Você não é não, M. Eu sei.

Ela falou com escárnio:

— Como você sabe?

Antes que eu pudesse dizer qualquer coisa, ela continuou:

— Acho que isso significa que estou fazendo a coisa certa. <voltar> <escrever> que estamos fazendo a coisa certa. <escrever:fim> <salvar posição> Sempre soube que acabaria desse jeito.

— A noite é sempre mais escura antes do amanhecer.

— A frase é de Jesus?

— Batman.

Levantamos. Procurei brevemente o cabelo multicolorido de Bê em meio a todas aquelas cabeças subindo e descendo.

— Metade das coisas que falam de nós é mentira. <voltar> <editar> <escrever> Os que não pensam como nós são inimigos que devem morrer. <escrever:fim>

— Mila.

— Sua esposa está voltando. Olha lá.

— Mila, o porta-retrato. Você mandou pra mim?

Ela fez uma cara que não consegui interpretar.

— Não posso mais esperar, já fizemos o que tínhamos de fazer — ela disse.



Tentei segurá-la pela mão, mas ela se desvencilhou e sumiu entre os donos de todas aquelas pernas apressadas.

— Tinha te perdido. Quem era? — Bê enganchou o braço no meu.

— Ninguém.

<pular>

Logo após o nosso segundo aniversário de casamento, duas coisas aconteceram: o desaparecimento de Pelota e um novo encontro com o Doutor.

— Nosso software está em fase beta, então é melhor você aparecer desta vez. Deve ser alguma besteira corporativa — Bê disse. <salvar posição>

Olhei pra parede branca da recepção por trinta minutos até a secretária me deixar entrar no escritório.

A tela-parede estava desligada.

Sentado à mesa, indicou que me sentasse também. Dessa vez não havia comida ou suco, apenas um pendrive.

— Precisamos conversar — ele disse.

Minha boca secou.

— Tive acesso a certas informações que me deixaram um pouco consternado.

<editar> <escrever> Um gato no canto da sala miou. Parecia muito com Pelota.

<escrever:fim>

— Vou te mostrar.

Ele plugou o pendrive numa entrada oculta sob o tampo da mesa e a tela-parede acendeu. Era um vídeo.

A câmera se movia como se estivesse presa a uma pessoa agachada e mostrava uma sala de estar, com um sofá e uma tela pregada na parede, uma porta fechada e outra levando à cozinha. A porta abriu, uma mulher entrou e colocou cuidadosamente no chão um pacote com um bilhete em letras vermelhas. Um gato miou e a mulher olhou diretamente pra câmera. Era <deletado>

<voltar> <editar> <escrever> Era Mila. <escrever:fim>

— O que é isso? — Fiquei em pé.

— É a sua casa. Pelo que percebi, sua vizinhança é perigosa. — Ele desligou a tela-parede. — Você devia se mudar para um lugar melhor. Eu posso ajudar.

— Como... De onde o vídeo veio?

— Quer mudar de Estado? Trabalhar numa unidade no exterior?

Não tinha escapatória.

— Eu... Queremos Montes de Janeiro.

<pular>

Pedi o adiamento da minha transferência por um mês pra resolver uns “problemas pendentes”. Bê esperaria por mim em Montes.

Mal dormimos nos últimos dias antes dela pegar o avião.

O Doutor não me enviou mais mensagens.

Ajudei Bê a fazer as malas, pra que não esquecesse nada importante, e fomos juntos de magbus até o aeroporto. O sol reinava sozinho no céu enquanto Bê apoiava a cabeça no meu ombro. Eu suava, mas queria sentir o seu calor contra meu peito pelo menos mais essa vez. Queria memorizar cada fio de cada mecha colorida que insistia em fugir do elástico e me afundar no leve perfume do xampu.

Abri o motor de busca. Quando vi que meu nome não tinha mais nenhum resultado, suspirei aliviado. Não porque a ameaça tinha acabado, mas porque já não aguentava mais a espera.

<deletar>

O nome de Bê ainda tinha alguns resultados.

— Bê? Por que você me escolheu?

— Como assim?

— Por que você me ama?

— Poderia dizer que é pelo seu humor, mas é mais pela sua bunda. — Ela riu.

— Sério.

— Não sei. Porque você é o cara certo pra uma pessoa torta.

Nos beijamos e ficamos quietos o resto do caminho.

O fim estava chegando.

Ela fez check-in e despachou a bagagem.





— <deletado>, vou morrer de saudade.  
 — Eu sei. Também vou.  
 — Você vai ficar bem?  
 — Claro.  
 — Venha comigo. Perguntei no balcão, ainda tem assentos disponíveis. A essa hora amanhã podemos estar no Uruguai. — Ela sorriu.  
 — Comendo bife de ancho verdadeiro e bebendo um vinho Tannat no Mercado del Puerto em Montevideo.  
 — Com um artista pintando um retrato nosso.  
 — E depois caminhar pela Rambla às margens do Rio de la Plata.  
 — Te amo.  
 — Te amo também. Você é a melhor coisa que já me aconteceu.  
 Nos abraçamos e demos nosso beijo de despedida.  
 Enquanto ela caminhava pra sala de embarque, fiquei ali parado.  
 <editar> <inserir> <escrever> Começou a chover forte, com relâmpagos explodindo por detrás de nuvens feéricas. O avião dela decolou e, prestes a me virar pra partir, uma explosão devastadora ribombou no saguão. Boquiaberto, não pude deixar de olhar a flecha de chamas cair no asfalto. O tremor balançou minha alma. <escrever:fim>  
 (Isso não aconteceu. Ela aterrissou nos Montes de Janeiro. Que palavras são essas, Doutor?)  
 No dia seguinte, a mensagem chegou: “Tudo tranquilo. Pacote entregue. Com amor, Bê.”  
 <salvar posição>  
 Foi a última notícia que tive dela.  
 <pular>  
 Decidi matar o serviço. Na época, achei que seriam só por alguns dias. Nem me preocupei em inventar uma desculpa.  
 Bê e Mila se encontrariam na cidade e levariam o plano adiante.  
 (É, você vai ter que ter paciência. Um copo d’água cairia bem.)  
 Pensei em me exilar no Uruguai, mas provavelmente nunca conseguiria sair do país. Além disso, de que adiantava escapar sem ela?  
 Referências ao Compilador da História desapareceram da hipernet, como se nunca tivesse existido.  
 Retornei ao restaurante italiano do primeiro encontro com Bê. Comi espaguete e bebi umas taças de vinho. A comida, o cheiro e a lâmpada barulhenta me fizeram companhia.  
 Quando o garçom trouxe a conta, o dispositivo de pagamento recusou minha identidade. “Usuário não encontrado” apareceu na tela. Digitei manualmente o meu número de identificação. Nada. O garçom fechou a cara e chamou o gerente, que me deixou ir embora depois que prometi voltar o mais breve possível pra acertar a conta.  
 — Se não fosse por Beatriz, já tinha chamado a polícia — o homem disse.  
 Aquele foi só o estopim. Eu sabia que seria ruim, mas foi muito pior.  
 (Fala pros seus capangas tirarem a mão de mim.)  
 Minha identidade não era mais reconhecida em lugar nenhum. Fui removido do banco de dados de cidadãos. Virei uma não-pessoa.  
 Como identidade e dinheiro eram dados eletrônicos, eu não podia comprar comida, pegar transporte público, pagar o aluguel.  
 Curioso, dei um pulo no prédio onde trabalhava.  
 — Bom dia. Identidade — Jobson, o segurança, disse pra mim.  
 — Bom dia, Jobson. Como vai?  
 — Identidade, por favor.  
 — Sou eu, <deletado>. Como vão a Clara e as crianças?  
 O scanner mostrava “usuário não registrado”.  
 — Você tem que sair. Vamos, vamos.  
 <pular>  
 Cortaram a força e a água e depois tiraram o meu apartamento. Só levei uma mala de roupas.  
 Então apagaram a minha conta e eu não pude mais acessar meus arquivos na nuvem, já que os termos de uso exigiam uma identidade válida. Perdi acesso à hipernet e, depois de um tempo, a bateria do celular morreu.  
 <pular>



As pessoas pararam de falar comigo e passaram a me evitar ou a acelerar o passo se eu tentasse alcançá-las. É uma coisa terrível, ficar inevitavelmente sozinho.

Tinha de dormir de dia, pois as noites eram mais perigosas. Sentia falta do cheiro e do calor de Bê.

Um dia, acordei levando uma surra gratuita de uns policiais. Levaram o celular e o pouco que restara.

Tornei-me invisível, parte do mobiliário urbano.

<pular>

Outro dia, vi uma sequência de painéis de propaganda acender ao longo de uma avenida com o meu rosto gigante oscilando. Achei que tinha ficado louco, mas depois me ocorreram algumas hipóteses. Podia ser um vírus d'Eles, claro, ou uma ameaça do Doutor, mas podia ser uma mensagem de Bê, um farol na escuridão, uma tentativa desesperada de me encontrar.

(Talvez tenha sido a última gota pra você, a razão de ter mandado seus capangas atrás de mim ontem na Avenida Paulista. Sei que sabe essa parte da história, mas não custa nada me deixar terminá-la. Não sossego enquanto não termino o que começo.)

Enfim, estava lendo os nomes dos caídos no obelisco da guerra, o Monumento para os Heróis Gloriosos. Tenho certeza de que o nome era outro.

Cansado e com fome, sentei na calçada.

<editar> <escrever> Um homem se aproximou e me ofereceu comida. Sapatos de couro, impecáveis. Quando nossos olhos se encontraram, suspirei aliviado. A espera tinha acabado.

— Oi, <deletado>, há quanto tempo? — ele perguntou.

Fiquei só olhando pra ele.

— Não fique assim. Vou te mostrar uma coisa. Aqui, pegue o meu celular.

Eu me encolhi.

— Garanto que não vou te fazer mal. Vou deixar aqui no chão. Isso. Agora procure pelos nomes que quiser, como quiser.

Meu nome retornou zero de resultado, como esperado.

Bê tinha vários, mas não por um bom motivo. Ela estava listada como um dos líderes d'Eles.

Por outro lado, o primeiro resultado de Mila era a página da EC. Vice-Presidente havia vários anos.

— Camila é uma excelente colaboradora, <deletado>. Melhor decisão que tomei como Presidente — o Doutor disse.

Não reagi.

— Ainda dá tempo, <deletado>. Podemos passar uma borracha em tudo. Me diga onde Beatriz e o pendrive estão e os últimos tempos vão ficar para trás.

Tentei me levantar, mas os joelhos fraquejaram.

— Te ajudei desde o início, <deletado>. — O Doutor parecia desapontado, como um pai. — Fiz tudo o que podia para te deixar feliz e você foi lá e roubou de mim o Compilador. E mentiu descaradamente. E continua mentindo. O que te fiz para merecer isso?

<escrever:fim>

<erro de checksum>

E chegamos agora a esta cadeira, a esta sala mal iluminada. Pare de editar meu cérebro. Vou contar o resto. Deixa só eu respirar um pouco.

Nós pensamos na realidade como um fato. Vemos o que nos ensinam. Crescemos preguiçosos, alimentados por informações mastigadas facilmente acessíveis na hipernet. Não desconfiamos de verdade. Se todos os lugares mostram a mesma informação, então ela é verdadeira, certo?

Você, Doutor, não veio conversar de verdade comigo depois que fui apagado. Esses homens vieram atrás de mim naquele dia no obelisco. Você os enviou pra arrancar da minha cabeça o que sei e entregar o plano.

Você está vendo esta transmissão em vídeo, seu sádico escroto. Sou um homem fraco e moribundo que não nasceu pra ser herói ou soldado.

Você me manipulou e eu te manipulei. Enquanto você focava em mim, Bê, um verdadeiro gênio, inseria fragmentos de códigos no Compilador e em outras mídias e softwares. Ela já vinha fazendo isso.

Quer saber a localização do pendrive e da Bê? Deixe-me voltar um pouco antes. Lembra daquele dia em que ela surtou no escritório? É, ela realmente saiu com um pendrive escondido na



bolsa, como você bem percebeu. O mesmo que você plugou na tela-parede do seu escritório. A ideia era atrair a sua atenção. Vou te dizer, achei a atuação dela meio exagerada na hora, mas deu certo. Pra você, devia ser “coisa de mulher”.

Não existe outro pendrive com o Compilador. Essa é a notícia boa pra você.

A notícia ruim é que acabamos com a criptografia, pois ela me ajudou a concluir na prática que “P=NP”. O pendrive tinha a parte final do código desenvolvido por Bê. Cada pedacinho era insignificante, uma besteirinha, mas todas as partes espalhadas pela hipernet ao longo desses três anos foram ativadas quando você plugou o pendrive na tela-parede pra me intimidar. Infectamos seu sistema e abrimos uma porta pra acessar e replicar todas as informações originais que tentou apagar e editar. O mundo digital está aberto a nós. “Bem bolado”, você diria.

Não estou blefando. Pensei em subir o algoritmo na rede e inutilizar a criptografia. Mas Mila e Bê me convenceram de algo melhor: a incerteza. Cada dado sigiloso guardado sob centenas ou milhares de bits pode estar acessível agora mesmo e pra sempre, em tempo real. Esse é nosso segredo, não conte pra ninguém.

Ninguém faz nada sozinho e mudar é difícil. Como alterar uma cultura corporativa lastreada na criptografia digital? Você teria que admitir um erro e convencer os outros a investir em novos sistemas seguros que ainda não existem, o que não me parece economicamente saudável. Talvez o culpassem pelos prejuízos, talvez fosse excomungado pelos consumidores. Afinal, uma empresa é como uma religião: só funciona enquanto as pessoas acreditam nela.

Ou talvez exista mesmo uma cópia do Compilador da História por aí sendo quebrada, vai saber.

A história também é feita de ausências e de omissões. A resposta pode estar naquilo que não viu e nem vai ter chance de ver. Não há mais nada em mim que possa te trazer paz.

Só uma última coisa: Pelota era um robô? Você me perturbou aí.

<voltar> <recuperar> <erro de checksum> <continuar>

O gato comeu sua língua? Beleza. Edite isso, <editado> <deletado>.

<erro de checksum>

Esta é a história de como <editado> <deletado>

<arquivo não encontrado>

# FIM



# Pé de Coelho

por Eric Novello

Diana é uma jornalista carioca. Enquanto investiga as atividades do Alquimista, líder de uma organização criminosa em São Paulo, recebe o contato de um dos seguidores do mafioso, que diz ter informações valiosas sobre o passado de seu pai. Sozinha com ele em um quarto, sem saber se caiu em uma arapuca, ela descobre que o submundo paulistano é ainda mais assustador do que parece. O conto é parte das novas histórias passadas no universo do livro *Neon Azul*.



## Autoria

### ERIC NOVELLO

Eric Novello queria ser o Charada quando pequeno, mas teve que se contentar em ser ele mesmo. É autor dos livros *Ninguém Nasce Herói*, *Exorcismos*, *Amores e Uma Dose de Blues* e *Neon Azul*. Além de tradutor, cultiva cactos e suculentas, coleciona bonequinhos e passa suas horas livres passeando pelos mundos imaginários de livros, filmes, jogos e séries de TV.

[www.ericnovello.com.br](http://www.ericnovello.com.br)

Twitter [@eric\\_novello](https://twitter.com/eric_novello)

Instagram [@eric\\_novello](https://www.instagram.com/eric_novello)

## Edição

### JANA BIANCHI

Jana Bianchi é engenheira, escritora, viajante, colaboradora do Clube de Autores de Fantasia, roteirista e co-host do podcast *Curta Ficção*, co-host do podcast *Desafio Ex Machina*, colaboradora do jornal satírico *Tempos Fantásticos* e passeadora de lobisomens.

Entre outros, publicou a novela *Lobo de Rua* (Dame Blanche), a noveleta independente *Sombras* e o conto “*Analogia*” (*Revista Trásgo* #09). Desde 2014, passa metade do tempo em Paulínia (SP) e a outra metade na Galeria Creta, estabelecimento dos submundos de São Paulo onde a realização de qualquer desejo está sempre em estoque. Pode ser encontrada no Twitter como [@janapbianchi](https://twitter.com/janapbianchi) e na newsletter que pode ser assinada em [www.galeriacreta.com.br/beco](http://www.galeriacreta.com.br/beco).



## Ilustrações

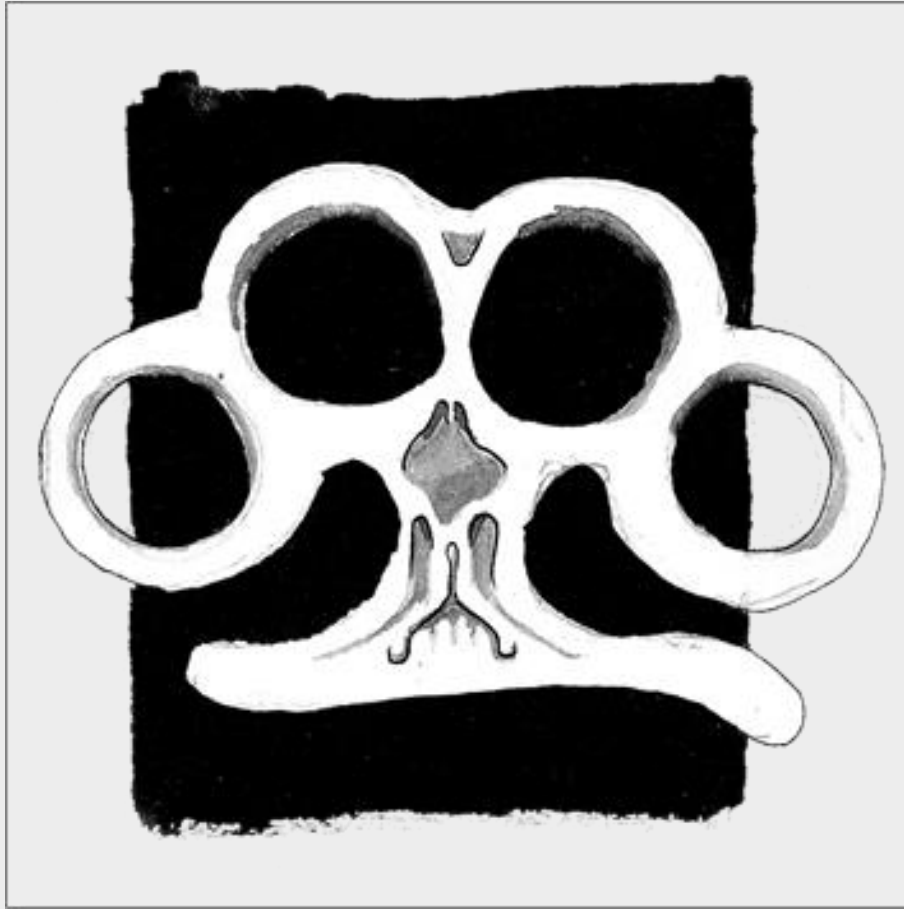
### BRUNO MÜLLER

Bruno Müller costuma se apresentar como designer, mas na maior parte do tempo é arte-educador. Vive perdido em meio a mapas de lugares que não existem, seja explorando ou rabiscando novos caminhos. Tem os contos “Do Lado de Lá” e “O Casarão” publicados nas antologias *Dimensões.BR* (2009) e *Tratado Secreto de Magia* (2010) pela Andross. Entre desenhar e escrever, prefere fazer os dois juntos, e ultimamente anda tentando casar mitologias nativas e folclore brasileiro em cenários de RPG mirabolantes. Geralmente pode ser encontrado em [behance.net/brunomuller](http://behance.net/brunomuller), quase nunca no Twitter [@brnmuller](https://twitter.com/brnmuller) ou muito provavelmente na seção 398.2 da biblioteca mais próxima.



# Pé de Coelho

## PARTE 4



**N**ão existe situação ruim que não possa piorar, um antigo chefe da redação costumava dizer. Diana preferia se manter otimista. Nisso combinava com Arthur, embora ele geralmente agisse de maneira impulsiva enquanto ela era adepta de uma abordagem mais cautelosa no dia a dia. Algo que a protegia no trabalho e a prejudicava na vida pessoal, por menos que gostasse de admitir.

Agora, naquele momento em que o pessoal e o profissional pareciam confluír para a figura lagomorfa à sua frente, Diana desejou ter sido mais prudente na hora de escolher as condições do encontro, e foi impulsiva ao se jogar para o lado e escapar por centímetros do golpe que mirou seu coração.

Enfiou as mãos nos bolsos para encontrar os socos-ingleses.

Caroline foi mais rápida. Girou o tronco e a empurrou, e Diana acabou caindo para trás. Sua cabeça bateu com tudo na parede.

Teve vontade de gritar de dor.

A maluca saltou para cima dela. Usava o peso do corpo para forçar a lâmina na sua direção.

“Estou tão perto de me tornar uma *doll*. Tão perto de cumprir o meu destino”, disse a coelha, e Diana teve certeza de que ela estava louca. “Nunca pensei que sentiria tanto prazer em me vingar da traição de Jorge e prejudicar o Alquimista com uma única estocada. É justo, se for pensar. Por causa do seu pai eu perdi minha família, e graças a você, uma nova apareceu.”

A ponta da lâmina encontrou o esterno de Diana. A dor do ferimento se abrindo espantou a tortura do baque, e a tirou do torpor. Precisava reagir. Sua adversária não era tão grande assim, afinal, muito menos forte. Diana torceu o corpo para o lado, para desestabilizá-la, encaixou os pés em seu estômago e a empurrou com o máximo de força que conseguiu reunir.



A coelha tombou do seu lado, desajeitada. *A raiva está cegando o raciocínio dela*, pensou Diana, outra vantagem que podia aproveitar.

Ela não esperou um novo ataque. Quando viu a mulher começar a se levantar, encaixou os dedos nos socos-ingleses, avançou a passos largos e a acertou com vontade uma, duas, três vezes. O primeiro soco a pegou nas costelas, o segundo no punho e o último no queixo.

O capacete em forma de cabeça de coelho estalou. A lâmina caiu no chão. Um grito escapou distorcido de dentro da máscara. Sem disposição para brincar com o perigo, Diana acertou outro soco no pescoço da mulher mascarada. Aproveitou seu momento de dor e confusão e a pressionou contra a parede.

“Seja esperta. Você ainda pode vir comigo. Não se condene a pagar pelos erros da sua mãe”, ela falou, e aquela frase também ecoou dentro de si.

“Você não entende, nunca entenderia.”

Diana sentiu o corpo da mulher fraquejar. Afrouxou sua pegada e se afastou, dando um voto de confiança. O sangue escorria morno na sua camisa e a cabeça girava da pancada recente. De olho na lâmina no chão, fez o possível para se manter concentrada na situação e atenta à coelha.

“Escuta...”

“Não há mais nada para mim aqui.”

A coelha destacou a outra orelha no topo da máscara. Parecia mais cansada do que ameaçadora.

Ela baixou o braço e aguardou, o peito subindo e descendo em arfadas.

Primeiro o som ecoou na escada. Em seguida, alcançou o corredor. A porta foi aberta com um golpe violento. Junto com o barulho repentino, a coelha ergueu a lâmina azul, gritou e atacou a jornalista. Entendendo o que iria acontecer, Diana se jogou para baixo, usando a cama como proteção.

Os tiros derrubaram Caroline no chão. Ela caiu junto aos seus pés, estremeendo. Duas pessoas usando máscaras de coelho se aproximaram da sua posição e finalizaram o serviço com tiros certos.

Diana se arrastou para trás e se sentou contra a parede. Sentia os braços e pernas tremerem como gelatina. Abraçou o corpo sentindo um frio profundo e começou a procurar em si algum sangramento. Encontrou somente o corte ardido da lâmina no centro do peito e um galo enorme na cabeça.

“Você se chama Diana?”, disse um dos coelhos.

Ela fez que sim, se esforçando para voltar a raciocinar.

“O Alquimista quer falar com você?”, ele respondeu e tocou a curva do pescoço. Quando voltou a falar, foi numa voz diferente.

“Diana...? Não consigo vê-la”, a voz saiu límpida da máscara do coelho, uma voz humana e reconhecível. “Espere um segundo”. As luzes em seus olhos se acenderam, iluminando-a no chão. “Pronto, agora sim. Sinto muito pelo inconveniente.”

Diana tentou recuperar a compostura. Estava atordoada, cansada, puta da vida. Parecia que seu corpo ia desligar a qualquer momento. Apoiada na beira do colchão, se levantou e encarou os novos coelhos. Suas máscaras pareciam idênticas a de Caroline, que agora sangrava morta à sua frente, e os dois vestiam terno e gravata iguais. “Inconveniente? É essa a sua palavra para o que acabou de acontecer?”

“Se vier me encontrar, posso explicar...”

“Por que não tenta fazer isso agora?”

A resposta demorou um breve instante. Diana sabia que estava falando com um dos maiores criminosos de São Paulo e não estava nem aí. Pensou se não seria prudente se sentar na cama considerando seu estado, mas queria estar de pé diante das câmeras do Alquimista.

“É claro... Como deve imaginar, um homem como eu não se mantém no comando sem ter que resolver imprevistos ocasionais. Recentemente, descobrimos que uma das famílias rivais vinha brincando com a cabeça de um dos meus funcionários, tentando se infiltrar. Não sei se já ouviu falar sobre Doll. Uma coisa grotesca, terrível. Seus seguidores fanáticos operam os corpos para se parecerem com bonecos, e eles passam por um processo de lavagem cerebral. Infelizmente, não descobri quem era a vítima de Doll até que fosse tarde. Mas quando Tereza se desconectou da rede cerca de meia hora atrás, mandei Hector e Sarah atrás dela.”

*Tereza! Isso. Era esse o nome da filha de Rafaela*, Diana pensou com alguma culpa. Sua cabeça continuava zozna, mas ela não deixou o detalhe passar despercebido.



“Pensei que os seus seguidores não tivessem nomes. Que usassem as máscaras como uma forma de renegar a própria identidade em nome do Alquimista.”

“Eles são meus funcionários, não meus seguidores. E conheço todos eles pelos nomes. Hector e Sarah, que estão com você agora, são duas pessoas da minha mais alta confiança.”

“Uhum.”

“Influência de Doll, provavelmente”, ele respondeu, sem maiores explicações. “Que tal ir para o hotel com meus seguranças? Lá você poderá tomar um banho de banheira, vestir roupas limpas, comer uma refeição quente...”

“Eu sei o que se faz num hotel, obrigada”, disse Diana.

“Também posso chamar um médico. No que precisar de mim, estou à disposição. Entendo se quiser adiar nossa conversa, descansar e aparecer somente na festa.”

Diana firmou as pernas e, com movimentos calculados para disfarçar que ainda tremia, saiu de perto da cama. Fraquejar diante de alguém tão petulante estava fora de cogitação. Olhou para o corpo de Tereza, o sangue se acumulando em uma poça negra no quarto escuro. Já tinha visto cadáveres antes, testemunhado assassinatos a sangue frio, mas a sensação de desconforto continuava a mesma.

Notou o cronômetro virando sobre o colchão. Pegou o cubo para si. Afinal, o que será que a contagem regressiva marcava?

“Talvez seja melhor não ir à festa”, Diana respondeu.

“Bem, nesse caso, pode passar a noite no hotel e ir embora amanhã.”

“Fácil assim? Não vai me obrigar a comparecer?”

“E por que faria isso? Você aceitou meu convite e veio para São Paulo de livre e espontânea vontade. Pode ir embora a hora que quiser. Posso inclusive comprar uma passagem de avião e mandar entregar o carro na casa da amiga com quem o pegou emprestado, se preferir. Mas seria uma pena não poder conversar com a filha de um grande amigo. Jorge era um músico excelente, sem dúvida, mas uma pessoa excepcional.”

“Tem alguma coisa que você não saiba?”

“Por que não vem me encontrar e descobrir?”

A quem queria enganar? Aquele homem tinha a resposta que buscara todos esses anos. O que seu pai tanto temia a ponto de preferir se afogar a continuar vivendo.

Uma conversa. Uma noite. E não precisariam se ver nunca mais.

“Nos encontramos mais tarde”, disse ela.

“Logo perceberá que tomou a decisão correta.”

Mesmo sem uma despedida, Diana sabia que o Alquimista havia se desconectado. Seu capanga mascarado pediu que ela os acompanhasse. Ela sinalizou para que eles fossem na frente, mas nenhum dos dois se mexeu. *Já entendi*, ela pensou. Chegou para o lado para contorná-los e tropeçou em Tereza, um pé de coelho que não havia lhe dado muita sorte.

Quando chegasse ao hotel, anotaria tudo o que se lembrava da conversa. A doença de Paulo, o tal de Neon Azul e qualquer outro detalhe relevante. Faria isso em um bloco de papel, longe do alcance do Alquimista. Ou talvez simplesmente abrisse os registros da banheira e passasse as próximas horas lá dentro, sem pensar em nada. Ligaria para Arthur para avisar que havia chegado bem — uma ótima viagem, uhum, apenas um pequeno contratempo — e que a noite estava longe de terminar.

**FIM**



# Encantadores de Dragão

por Rodrigo van Kampen

Vivendo num mundo em que, além de estar eternamente submissa a uma elite poderosa, a vida é constantemente ameaçada por enormes feras vorazes e cuspidoras de chamas, qualquer mudança pode ser um privilégio. Mayara é uma menina sobrevivendo nesta realidade tão ameaçadora quando surge a oportunidade de se tornar aprendiz de um mago poderoso, capaz até mesmo de domar as grandes feras dracônicas. Mas o que poderia ser uma oportunidade de ascensão e liberdade se revela algo muito mais sinistro. Poderá Mayara sobreviver e salvar consigo Lúcio? E qual será o papel de Berg, a gnoma, nesta torre misteriosa?



## Autoria

### RODRIGO VAN KAMPEN

Rodrigo van Kampen é escritor, editor da *Revista Trago*, redator publicitário e tem uma moto acumulando pó desde que virou pai. É autor da novela *Trabalho Honesto* e já publicou em coletâneas da Aquário, Draco e em publicações independentes. Mora em Campinas com sua esposa, filha e uma vira-lata, escreve em [viverdaescrita.com.br](http://viverdaescrita.com.br) e pode ser encontrado no Twitter como [@rodrigovk](https://twitter.com/rodrigovk).

[www.fb.com/rodrigovk](http://www.fb.com/rodrigovk)

[www.rodrigovankampen.com.br](http://www.rodrigovankampen.com.br)

[www.viverdaescrita.com.br](http://www.viverdaescrita.com.br)

## Edição

### JOÃO PEDRO LIMA

Escritor, roteirista e editor, seus maiores interesses e produção estão na fantasia urbana, literatura policial, literatura absurda/de humor escalafobético e literatura infantil/juvenil.

Atualmente se concentra em produzir eventos literários como as oficinas e palestras ligadas ao NaNoBrasil, escrever seu romance sobre magos e burocracia na agridoce cidade de São Paulo, e em escrever e editar textos para o *Tempos Fantásticos*.

[www.fb.com/joaopedro.limagoncalves](http://www.fb.com/joaopedro.limagoncalves)

Twitter [@jplimag](https://twitter.com/jplimag)

[www.medium.com/@joaopedro.lgoncalves](http://www.medium.com/@joaopedro.lgoncalves)

[www.temposfantasticos.com](http://www.temposfantasticos.com)

[joaopedro.lgoncalves@gmail.com](mailto:joaopedro.lgoncalves@gmail.com)



## Ilustrações

### JÂNIO GARCIA

Jânio Garcia trabalha como ilustrador e professor de arte digital em Campinas, interior de São Paulo. Suas fontes de inspiração são mitologia, folclore nacional, teologia, pintura clássica e cultura popular cinematográfica e literária. É amante de café, livros, séries e podcasts. Para saber mais sobre ele, entre em contato através dos links abaixo ou dê três descargas e chame seu nome três vezes.

[www.janiogarcia.artstation.com/](http://www.janiogarcia.artstation.com/)

[www.fb.com/janiogarciaart/](http://www.fb.com/janiogarciaart/)

Instagram [@garcia\\_janio](https://www.instagram.com/garcia_janio)





# Encantadores de Dragão

## PARTE 4



**E**u estava em um salão muito amplo, as paredes negras eram cobertas de fuligem e lava escorria no lado oposto ao meu. Deitada no centro, sobre o chão de pedra, ali estava ela.

\*

Preso por grandes grilhões ao solo, mas eu sabia que não seriam suficientes para manter uma besta dessas. Havia magia prendendo-a ali, magia antiga e poderosa. Senti culpa. Era a minha energia que alimentava os grilhões.

Ela abriu os olhos e reconheci a mesma criatura que atacara a vila anos atrás, que me visitava em pesadelos a cada três meses, dominada de fúria.

Tive medo, muito medo, e coleí as costas nas paredes negras. Uma única baforada seria suficiente para acabar comigo. A dragoa me observava, reconhecendo minha energia, minha culpa. Eu era uma mistura de emoções. Medo, pena, raiva, confusão. De repente eu não sabia mais o que eu estava fazendo ali. Que ideia foi aquela?

A dragoa sorriu com crueldade, inspirando e preparando-se para soprar.

— Marhbara! — eu gritei, ajoelhando-me. Ela parou o movimento, observando-me com curiosidade. — Marhbara, por favor...

A besta aproximou o rosto de mim, cheirando-me. Estiquei a mão, sem saber o que fazia, e ela encostou a ponta do focinho, estabelecendo uma conexão.

— Do que me chamou, humana? — Sua voz se projetava na minha mente. Era profunda e grave. Falava na língua dos dragões, mas eu conseguia entender claramente.

— Você é Marhbara, não é? — balbuciei.



A dragoa examinou-me com curiosidade.

— Então você leu o diário de Farah.

— S...sim.

Ela balançou a cabeça devagar, assimilando.

— Mas você não veio até aqui apenas me dizer isso...

Eu não tinha certeza do motivo pelo qual eu estava ali. Acho que eu precisava ver com meus próprios olhos. E no fundo tinha alguma esperança de que Marhbara poderia me ajudar a tornar-me maga. Mas não foi isso que eu perguntei.

— Por que você atacou a vila? — perguntei.

A dragoa soltou o ar pelo nariz, e senti o calor à minha volta.

— Raiva... Tanta raiva... O discípulo me traiu.

— Hugo?

— Sim... Farah acreditava em seu potencial, eu não tinha tanta certeza. Eu estava certa. O humano fugiu com um dos meus ovos. Criou um artefato capaz de confundir meus instintos. Humanos... Tão mesquinhos...

— O orbe... Ele é o ovo, não é?

— Não importa mais. O filhote que lá havia já está morto há muito tempo.

Respirei fundo, criando coragem para pronunciar em voz alta a proposta que se formava em minha mente.

— Se eu... Se eu a soltar, Marhbara... Pode me ensinar magia?

A dragoa riu, desdenhando.

— Humana tola! Acha que será capaz de me soltar? Não... Nem você nem aquela gnomo estúpida podem sobrepujar a magia de Hugo. O discípulo pode ter vários defeitos, mas poder... Ah, isso emana de seus poros.

— Eu...

— Já chega! Humanos vivem pouco tempo e eu sou paciente. Enquanto isso, alimento minha raiva. Vou me vingar de todos vocês mais cedo ou mais tarde. Quer me soltar? Saiba que se fizer isso vou destruir cada vila humana que encontrar no meu caminho, não vou descansar enquanto não queimar tudo. E a culpa será sua!

— Mas Marhbara, li no diário de Farah que...

— Farah está morto! Agora suma da minha frente antes que eu comece a vingança por você.

Um tremor tomou conta do meu corpo e saí correndo, tropeçando até o corredor onde Berg me abraçou e conduziu para cima.

— O que aconteceu lá? — ela perguntou.

— Eu... Eu falei com ela... — respondi, ainda tremendo, chocada.

— Mayara descansa... Dia de feitiço... Longo dia...

Atirei-me na cama, exausta. Não conseguia mais controlar as lágrimas. Estava tudo dando errado! Desejei nunca ter sido escolhida para esta torre, nunca ter conhecido Hugo, Berg, não ter conseguido decifrar o livro... Eu queria minha mãe, e abraçada sobre a cama, caí em um sono negro e sem sonhos.

\*

Lúcio não chorava mais, tomado por uma apatia estranha desde o último feitiço. Eu pensava no que Berg havia me dito e se ainda havia energia vital no menino. Finalmente entendi o que aconteceria comigo. Eu não só seria incapaz de praticar magia, eu não iria nem querer fazer isso, esgotada. Então era por isso que as crianças eram enviadas para trabalhar como serviçais de Lorde Rochedo. Hugo não queria que a vila visse a vontade de seus filhos destruída assim.

O mago entrou com o orbe, carregando-o com cuidado em suas luvas negras. Então aquilo era um ovo. Morto. Mas, ainda assim, muito poderoso.

— Vamos lá, esta é a última vez que vou precisar da colaboração de vocês... — disse Hugo, com um sorriso cansado no rosto. Ele esfregou as luvas e começou a pronunciar as palavras num tom grave.

*Animas marcum duelbi territorium inmis draco lifdi. Marcum duelbi animas...*



Não tentei resistir, eu sabia que era inútil. Em vez disso entreguei-me ao ritual e podia sentir a energia fluir naquele ambiente, como uma corrente que passava por mim, Lúcio e Hugo, e convergia naquele estranho orbe.

Eu não desistira de me tornar uma maga. Não ainda. Mestre Farah ensinara algo que eu poderia tentar. Concentrei-me, lembrando as palavras do diário e falei o mais alto que consegui, uma cacofonia entre as palavras de Hugo e as minhas.

*Animas dracum libertum gribl suminvoh, animas dracum libertum gribl suminvoh, animas...*

Hugo interrompeu as palavras, olhando para mim em pânico. O fluxo de energia aumentou, eu podia sentir mais alguém contribuindo com o feitiço. Marhbara. Só podia ser. Aquela energia toda se tornou instável, senti meu estômago revirar.

Um trincado apareceu no topo do orbe, que logo se espalhou até a base, quando uma forte onda de energia explodiu pelo ambiente. Minha cabeça doía, Lúcio gritava, e eu não entendia mais o que estava acontecendo.

— O que você fez?! — Hugo gritou para mim, mas não continuou a frase, interrompido por um rugido alto. A torre começou a tremer e o orbe caiu no chão, despedaçando-se.

Hugo correu para a janela, e logo em seguida saltou para o chão enquanto uma labareda de fogo invadia a sala.

Marhbara não continuou lá para enfrentar Hugo, ainda estava fraca e batia suas poderosas asas para longe da torre.

Em alguns segundos tudo ficou quieto. Terrivelmente quieto.

Hugo se levantou com um sorriso incrédulo.

— Você leu o diário. Eu não sei como fez isso. — Ele abaixou-se ao lado do orbe quebrado e pegou um grande estilhaço. Era tão afiado que um fio de sangue escorreu de sua própria mão. Olhei para o lado, Lúcio estava desmaiado. Eu continuava amarrada.

Ele pegou o estilhaço e caminhou em minha direção devagar.

— O que eu faço com você, Mayara? Você queria ser uma maga? Parabéns. Conseguiu... Agora... — Ele aproximou o vidro do meu pescoço, assustadoramente calmo. — Eu posso fazer você traduzir aquele livro para mim... — Então olhou para o orbe estilhaçado no chão, balançando a cabeça... — Não... Não teria mais utilidade agora... Eu não... Espero que tenha aproveitado sua curta vida como maga, Mayara.

Antes que ele pudesse cravar o estilhaço em meu pescoço, Berg correu para dentro da sala e segurou seu braço. A gnomia tentava esbofetear o mago. Seus braços eram fortes, mas ela não tinha qualquer técnica, não era uma lutadora. Quando finalmente conseguira segurar ambos os braços de Hugo num abraço apertado, ele disse algumas palavras e Berg gritou.

Os braços de Hugo se tornavam vermelhos e queimavam a pele da gnomia, que se recusava a soltá-los, gemendo de dor. Ela olhou para mim uma última vez, desesperada, e atirou-se pela janela da torre, levando o mago consigo. Gritei, urrei até minha garganta doer e o som se converter em um choro convulsivo.

Eu olhava para a janela na esperança de ver a gnomia pendurada, mas ela não aparecia. Ela tinha que estar lá... Tinha que voltar... Não era possível, eu não queria acreditar.

Demorei mais de meia hora para me livrar das tiras de couro que me amarravam e corri para a janela. Lá embaixo, dois corpos inertes. Olhei a cena por um bom tempo até que caí sentada, com as costas apoiadas na parede e deixei que as lágrimas lvassem minha alma. O que foi que eu fiz?

No dia seguinte enterrei Berg e deixei Hugo aos ursos e raposas. Encontrei uma pequena estatueta de madeira no quarto de Berg e a trouxe comigo para nunca esquecê-la. Peguei o diário de Farah e dois outros livros que pareciam importantes e deixei o resto para trás. Montei em Lua, fiz Lúcio subir em um segundo cavalo e soltei os outros animais, enquanto partíamos em direção à grande nuvem de fumaça que era Pinus.

Lúcio ficou na cidade. Ele nunca será braço de espada, mas ao menos tem uma profissão. Consegui que um marceneiro o tomasse como aprendiz em Pinus. Ele olhou para o rapaz de boca aberta e ombros caídos e balançou a cabeça, mas havia casas queimadas demais para arrumar.

\*

— Foi lá que encontrei Storg, o gnomo mercante, ele me trouxe até vocês. Eu devo tudo à sua irmã. Berg foi a primeira mestra em minha vida. Eu sei que vou me tornar uma maga. Um dia ainda cobrarei a dívida de Marhbara e serei uma verdadeira encantadora de dragões. Eu preciso fazer isso. Por Berg.

As irmãs de Berg me abraçam, a tenda toda está em silêncio respeitoso. Ofereço o pequeno amuleto de madeira de volta à sua família, mas a mais nova fecha minha mão sobre ele:

— Fica. É seu. Berg gostaria disso.

Uma lágrima escapa de meus olhos, e antes que eu perceba, já não consigo mais controlá-las.

## FIM



# Eterna: A Cidade Perdida

por Roberto Causo

Uma cidade perdida, de tecnologia superior, protegida sob um manto de invisibilidade no coração do Brasil Central. Um casal que escapou do cárcere privado imposto pelo arrogante pirata dos ares

Albert Robida busca refúgio na cidade Eterna, erigida por atlantes que instalaram incógnitos nas selvas brasileiras. Mas os jovens heróis, Ulisses Brasileiro, um ex-capitão do Exército Imperial, e a filha de uma aristocrata atlante chamada Larsinia, descobrem que as divisões políticas da cidade

Eterna impedem que eles encontrem ali um porto seguro. Segundo episódio das Aventuras de Ulisses Brasileiro (iniciadas na pioneira antologia *Steampunk*, de 2009), “Eterna: A Cidade Perdida” é uma novela repleta de ação aérea, maravilhas tecnológicas, intrigas palacianas e uma feroz luta de artes marciais mistas...



## Autoria e Ilustrações

### ROBERTO CAUSO

Roberto Causo é autor dos livros de contos *A Dança das Sombras* (1999), *A Sombra dos Homens* (2004) e *Shiroma, Matadora Ciborgue* (2015), e dos romances *A Corrida do Rinoceronte* (2006), *Anjo de Dor* (2009) e *Mistério de Deus* (2017), além do estudo *Ficção Científica, Fantasia e Horror no Brasil* (2003), que recebeu o Prêmio da Sociedade Brasileira de Arte Fantástica. *O Par: Uma Novela Amazônica* ganhou o 11.º Projeto Nascente, da USP e do Grupo Abril. A *space opera Glória Sombria* (2013), foi um dos indicados para o Prêmio Argos 2014 na categoria Melhor Romance, do Clube de Leitores de Ficção Científica. Tem histórias publicadas em 11 países, incluindo França, Cuba, Portugal e China. *Site* dedicado ao Universo GalAxis (ficção científica), e *blog* do autor:

[www.universogalaxis.com.br](http://www.universogalaxis.com.br)

[www.fb.com/roberto.desousacauso](http://www.fb.com/roberto.desousacauso) | [www.fb.com/causo.misterio.de.deus](http://www.fb.com/causo.misterio.de.deus)

## Edição

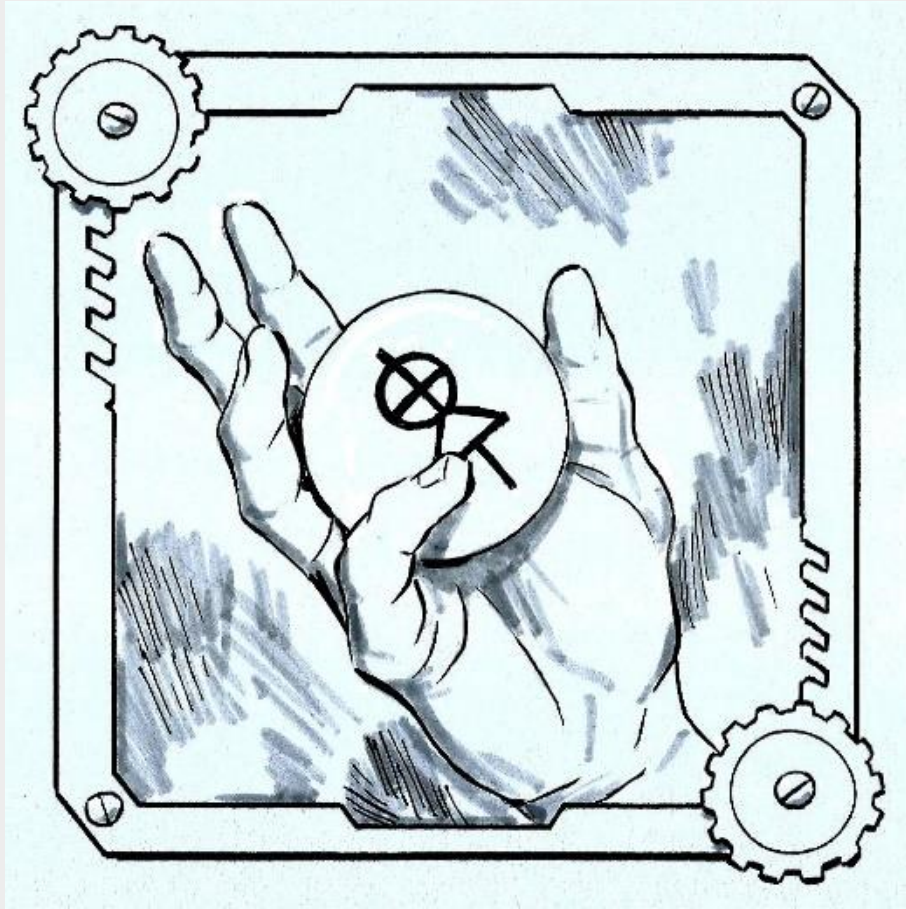
### SANTIAGO SANTOS

Santiago Santos é escritor, tradutor, tereréficionado e jornalista. Publica drops literários radioativos no [Flash Fiction](http://Flash Fiction) e publicou seu primeiro livro em 2016, uma coletânea pé na estrada que mergulha na mitologia dos incas, [Na Eternidade Sempre é Domingo](http://Na Eternidade Sempre é Domingo). Pode ser encontrado no Twitter [@flashfictionbr](https://twitter.com/flashfictionbr) e no [Facebook](https://www.facebook.com/flashfictionbr).



# Eterna: A Cidade Perdida

## PARTE 4



### VI. VIOLENTA ACAREAÇÃO

O adversário de Ulisses tinha cabelos escuros e a pele exposta apresentava um bronzeado dourado. Os olhos eram azuis e havia pouco pelo em seu peito e braços. Ele sorria abertamente como que satisfeito consigo mesmo, um esgar que repuxava as cicatrizes em suas sobrancelhas e abaixo dos olhos. Um veterano de muitas lutas.

Ulisses aproximou-se. Ele mesmo não ficava atrás, embora não tivesse tantas cicatrizes a exibir. Era treinado — e bem treinado — em *savate*, a luta trazida pelos membros da missão francesa que havia modernizado o Exército Imperial.

Afastou os pés e assumiu a guarda com os punhos cerrados. O viking apenas inclinou o corpo um pouco para o lado, o sorriso ainda na cara.

Ulisses desconfiou de algo em sua postura. Deu dois passos rápidos para a direita, afastando-se e mantendo a distância entre os pés. Nesse exato segundo, o adversário baixou um braço até o chão e sua perna oposta subiu e girou e o pesado sapato de salto de madeira passou a milímetros do queixo de Ulisses.

Nunca vira um golpe como esse antes. Foi a meia-ginga do viking, seguida de um chute giratório com a outra perna, que confirmaram que enfrentava um capoeirista. Dera mais um passo para trás e por isso escapou do novo ataque. Não ocupou a mente com a questão de *onde* o viking da floresta teria aprendido a luta trazida pelos escravos e usada nos becos das cidades de todo o país; havia gente de todas as cores e origens abrigada em Eterna. Decerto a cidade podia contar entre eles de malandros de beco a quilombolas de vales esquecidos. Ulisses buscou afastar-se mais, girando para longe com seu rápido jogo de pés.



Uma rápida rasteira desequilibrou-o, mandando-o de braços abertos para trás — perto de onde as pessoas fechavam o ringue. O adversário riu, tentou encurtar mais a distância para aproveitar-se do tropeço. Mas, fora da guarda, o viking foi apanhado por um *chassé jambe arrière médian* — um chute frontal na boca do estômago. Quando ele recuou, Ulisses tentou deslocar sua perna direita com um *coup de pies bas*, o chute baixo. Mas o homem deu uma cambalhota para longe e reassumiu a sua ginga. Pelos janelões em forma de pétalas, a explosão de um relâmpago sublinhou silenciosamente o impasse momentâneo. O trovão soou, mas não fez retinir o encaixe de ferro das janelas.

Ulisses voltou a perseguir o oponente com seu bem casado jogo de pernas e pêndulo, mas os movimentos do viking eram inesperados e rápidos — assim como os golpes que pareciam surgir do meio de um pé-de-vento. O ringue era estreito e os braços e pernas do outro cobriam com facilidade os espaços. Apenas um novo relâmpago sublinhou a posição de ataque do adversário, antes que Ulisses sentisse o primeiro impacto.

O brasileiro se viu em desvantagem. Mesmo atingindo o viking com um *crochet* alto no ombro ou no braço ou detendo um chute rodado com um *parede en opposition*, conforme a luta prosseguia ele recenseou: um talho no couro cabeludo fazendo escorrer sangue para dentro da orelha esquerda, contusões dolorosas e paralisantes nos joelhos e coxas, provavelmente uma costela quebrada e o olho direito começando a fechar.

— Estás batido! — o viking gritou, com triunfo nas palavras. — Não tens pra onde fugir!

— *C'mon, my boy!* — ouviu Bierce incentivá-lo, com um relógio de corrente em punho. — Vamos, meu rapaz, não se deixe abater. Passaram-se dois minutos apenas!

Ulisses sentiu-se momentaneamente animado pela voz áspera do ianque. Mas por mais que circulasse, fintasse, golpeasse e até conectasse socos e chutes, só podia concluir que estava a caminho da derrota.

A culpa era dos pesados saltos de madeira nos pés do viking. Ao redor, como que atrás de uma parede, os presentes no anfiteatro arfavam em coro a cada impacto ou novo ferimento imposto pelos saltos. E apesar disso, só o que podia fazer era continuar em frente, recebendo os golpes, piscando para afastar o suor e balançando a cabeça para clarear a mente. Perseguindo o corisco humano diante dele, a um terrível custo.

Ao cabo de um tempo que se lhe fazia sentir como uma eternidade, notou enfim que o adversário diminuía o ritmo. Seu giro perdeu velocidade, esvaneceu-se a qualidade acrobática dos movimentos. Bierce falara em apenas dois minutos... Quantos mais transcorreram? Bierce ainda gritava incentivos, mas Ulisses mal divisava sua confusão de palavras em francês e inglês. E quanto a Larsinie? Ouvia a sua voz entre o coro de exclamações? Decerto que ouvia soluços vindo das mulheres que assistiam à peleja — estaria ela também chorando por ele? Nesse segundo, sentiu um arrepio em seus ombros, deveras diverso da exaustão ou daquele que precedia a perda da consciência: era como se Larsinie estivesse junto dele, preenchendo-o com energia. Sentiu novo alento.

Sua mente de súbito clareada soube que não havia mais a mesma ferocidade nos chutes do capoeirista nem a expressão animal no rosto coberto de suor. O peso de sua maior arma, o sapato rijo e seu salto de madeira, cansava-o. A maior parte das lutas de beco terminavam em perda dos sentidos do adversário, ou em um tombo e uma fuga rápida do capoeirista.

Ulisses, por sua vez, embora envolto em densa neblina de dor e com um dos tímpanos tampado pelo sangue, tinha a mente clara após o misterioso ânimo emprestado a ele pela lembrança de Larsinie. Encurtou a distância.

O próximo chute do viking foi lento demais: Ulisses lançou à frente sua perna esquerda entre as dele e abraçou sua perna direita suspensa no ar. Girando o corpo, lançou o adversário no solo. Quando o outro se pôs de joelhos, o punho de Ulisses o colheu em cheio na têmpora.

O viking foi de cara no chão com os pés para cima, mas não deixou sua posição anterior — como se em seu cérebro paralisado pelo golpe tivesse ficado gravada a intenção de levantar-se. Quando voltou a calcar os pés no piso do ringue respingado de sangue, quase acororado ali, o *crochet* de esquerda de Ulisses o atingiu no rosto. O *savateur* sentiu o nariz do viking ser esmagado sob seu punho. Ainda assim, o *coup de grâce* e certificação do *nocaute* foi a poderosa direita no queixo do adversário.

— *Ayeeee!* — Ulisses ouviu, e foi imediatamente abraçado por Ambrose Bierce. O americano cobriu-lhe os ombros com sua túnica e não cansou de abraçá-lo e bater em seu peito. Sorria com o



rosto todo, bigodes e sobrancelhas. — *Magnifique! Magnifique!* — bradava em francês. — Você mostrou a eles, *my dear boy!* Mostrou a todos eles!

Lenços surgiram e com eles Bierce limpou o sangue de seu rosto. Amarrou um deles em sua testa e nos lados da cabeça para cobrir o talho no couro cabeludo. Finda a luta, Ulisses sentia que também haviam se esgotado suas energias. Em vários momentos sentiu-se amparado não apenas por Bierce, mas por outros pares de mãos.

A certa altura, porém, o rosto do jornalista americano crispou-se e seus olhos voltaram-se para algum ponto às costas de Ulisses.

Ulisses virou-se e viu o capoeirista viking novamente de pé, a avançar contra ele com uma longa faca brilhando na mão direita. Um dos seus companheiros teria lhe jogado a arma.

Ulisses empurrou Bierce para longe e livrou-se das outras pessoas que o auxiliavam. Tentou recompor a guarda e enfrentar o assalto, mas mal conseguia levantar os braços e soube que era o fim.

Uma forte detonação se fez ouvir. No exato instante, uma flor rubra desabrochou no peito do viking da floresta. O homem caiu para a frente e a faca escapou de seus dedos. Ele não se mexeu mais.

Ulisses olhou para Ambrose Bierce. O americano estava envolvido pela aura azulada da nuvem de pólvora queimada do seu disparo. Em sua mão firme, o que pareceu aos olhos de Ulisses ser uma Remington Derringer .41 — que Bierce, com um gesto de desprezo, atirou sobre as costas do homem morto.

— *It's done* — pronunciou.

À volta deles, os guardas, seguidos dos altos autômatos, impediam o avanço indignado os companheiros do viking abatido. Não havia mais o que se fazer ou discutir. A minúscula arma de dois canos sobrepostos, tão fácil de ocultar, mas útil apenas para disparos a curta distância, fizera o seu serviço.

## VII. RUMO À ILHA DO NEVOEIRO

Dias depois, eles partiram da Cidade Eterna. Na hora que escolheram, apenas uns poucos sentinelas e um número ainda menor de trabalhadores estavam de pé, rumando para os campos mais distantes. Todos lançaram olhares curiosos ao homem e à mulher que embarcavam silenciosamente em um esguio navio aéreo.

Ulisses Brasileiro ainda não tinha visto este modelo. Não era um aerólito nem uma das lanchas aéreas de Robida. A aparência cilíndrica lembrava a descrição dos submarinos de *monsieur* Jules Verne, enquanto as quatro aletas estreitas que se lançavam da meia-nau para a ré do veículo definiam-no como algo definitivamente aéreo. A proa era fina e terminava em uma agulha de metal reluzente. Na parte alta: um espaço protegido apenas por vidros curvos como a cabine de um dos automóveis a vapor populares na Europa entre os abastados. Ali ficariam os passageiros e piloto — Larsinie, Ulisses supôs. Adiante desse espaço, figurava uma placa metálica que se assemelhava ao capô de um automóvel, mas que, Ulisses veio a saber posteriormente, era o disparador de terríveis armamentos. Um murmúrio calmante e elétrico emanava da fuselagem lustrosa e sem emendas. Ulisses achou-o um belo aparelho, apesar de sua estranheza.

No ventre roliço havia uma fileira de vigias redondas, e a inspeção do seu interior revelou espaço confortável para duas pessoas. Eram apenas Ulisses e Larsinie que nele embarcariam, acompanhados da profusão de mantimentos e equipamentos diversos — que o jovem ex-oficial do Império mal tivera tempo de inspecionar.

Ambrose Bierce e Dousana ajudaram os dois a carregar o veículo aéreo. As autoridades de Eterna estavam dispostas a cumprir a palavra empenhada a Ulisses e Larsinie. Mas Bierce, que não recebera castigo nem reprimenda por ter ocultado a Derringer, teria de passar o resto dos seus dias na cidade dos filhos de Atlântida. A julgar pela forma como abraçava a cintura de Dousana — e ainda pela forma com que os músculos do seu rosto queimado de sol contorciam-se num sorriso por baixo do bigode branco e estreitavam seus olhos argutos —, a prisão talvez tornar-se-ia para ele um lar. Ulisses perguntara ao jornalista o que esperava para o futuro.

— Farei o melhor do meu tempo neste lugar — Bierce afirmara, gesticulando para as muralhas distantes da cratera que envolvia Eterna. — Um lugar que em muito excede as fantasias





de *mister Rider Haggard* acerca de *lost cities* e *lost races*<sup>1</sup>. Eterna, *The Lost City*... Há muito aqui com o que alimentar os diários de um jornalista e explorador. Talvez um dia, se você para cá voltar, meu jovem, eu tenha novas respostas para os mistérios que você e eu levantamos.

Dois semanas haviam se passado. Para Ulisses, parecia metade disso. O restante dos dias desaparecera em uma névoa de dor e inconsciência. Sabia que fora tratado pelos médicos de Eterna, zelado por Larsinie e Bierce, alimentado por Dousana e outros cidadãos da cidade perdida. O Conselho deixara-os em paz. Os vikings da floresta foram conduzidos para fora dos seus limites inexpugnáveis. Restava o espanto e o maravilhamento — pois os ferimentos de Ulisses, para os quais estimara meses de recuperação, pareciam curados integralmente e nem cicatriz restava-lhe.

Ficou a memória das dores, porém. Continuamente, os músculos do rosto retorciam-se nos instantes mais inoportunos e inesperados. Como quando Bierce deu-lhe seu abraço de despedida. Ou quando Larsinie tomou-lhe a mão e o fez subir a rampa de acesso à nau aérea. Após erguerem-se aos céus, porém, apagaram-se pelo momento tais fantasmas do passado. Ficaram o deslumbre perante o voo rápido e os gestos sutis dos braços de Larsinie nos controles.

Logo Eterna ficou para trás, a cidade oculta atrás das muralhas vulcânicas, protegida por uma fortaleza que ia além desses contrafortes naturais. Assim que deixaram seus limites, a imagem das altas torres fincadas nas pirâmides abandonou os olhos de Ulisses, tornada invisível pela magia técnica de seus habitantes.

A lancha aérea pilotada por Larsinie primeiro ganhou altura para superar a borda da cratera e a cobertura da vegetação, depois desceu para poucas centenas de pés sobre a floresta do Brasil central. Acima deles, Ulisses, sentado ao lado de Larsinie, pôde ver e apontar, a pairar abaixo das nuvens, a silhueta conhecida do *Le pilote fantôme* — o leviatã onde Robida e seus lacaios espreitavam. Mas o navio aéreo do pirata dos ares não se lançou sobre eles, para espanto de Ulisses. Logo ficou para trás. Talvez Robida soubesse que não poderia alcançar o rápido aparelho pilotado por Larsinie.

Em pouco tempo o tapete verde abaixo deles foi rasgado por um largo curso d'água.

— É este o Rio Xingu? — Ulisses perguntou.

— Sim — respondeu Larsinie, e em seguida obrigou a máquina voadora a descer um tanto mais, até que Ulisses pudesse ver a oblíqua sombra do aparelho, lançada pelo sol matutino, correndo sobre as águas barrentas. — Voaremos acima do Xingu por algum tempo, segundo seu traçado natural rumo ao norte, para logo então tomarmos o sentido do Oriente, para além da Serra da Joaquina, quando nossa referência se tornará o Rio Jaguaribe, no Ceará.

“Mas quero que você testemunhe uma cousa antes, meu caro Ulisses. Mire bem a nossa sombra sobre a água do Xingu.”

Ele assim o fez, mas surpreendeu-se ao perder a imagem alongada da sombra.

— E eu que me gabava a Santos Dumont e aos outros de meus olhos de gavião... — murmurou. — Não estava ela à minha esquerda, e bem visível?

— Não desvie os olhos — a rapariga comandou, e estendeu o braço para tocar algo no painel de controle.

De pronto, Ulisses reconheceu a sombra desaparecida.

— Agora novamente — Larsinie disse, e ela voltou a sumir.

— Um dispositivo... — Faltaram-lhe palavras

— Sim. Um que nos torna invisíveis, desviando a luz natural à nossa volta. Eterna ainda possui muitas habilidades que até Robida desconhece, pois esta técnica e outras ainda mais determinantes foram rigorosamente mantidas em segredo. Este veículo só foi retirado do seu esconderijo depois da expulsão dos vikings da floresta. Há mais, conforme descreverei durante nossa viagem. E mesmo em sua bagagem, meu caro, como tu já deves ter verificado.

A Mauser C-96 de Ulisses lhe fora devolvida, com curiosos reforços externos de algum material assemelhado ao cobre, e encaixes para aparelhos de pontaria especiais com os quais ainda teria de se tornar íntimo. Além disso, vieram junto outros carregadores de maior capacidade, com munições de tamanhos e desenhos variáveis, ainda que coubessem na câmara da pistola, além de canos rosqueáveis de vários comprimentos. E nos baús e malas, roupas para todas as ocasiões: de misteriosos trajes negros inteiriços a vestimentas luxuosas de baile e cerimônia — e ainda outros dispositivos de funções desconhecidas. Decerto, enquanto Ulisses convalescia de seus ferimentos,

1 H. Rider Haggard é um dos pais das narrativas de “mundo perdido”, “raça perdida” ou “cidade perdida”, com os romances *As Minas do Rei Salomão* (1885) e *Ela* (1887), entre vários outros.



Larsinie e talvez outros elementos do Conselho de Eterna haviam preparado tudo isso, já que persistia a insegurança provocada por Robert Robida.

— Lamento que tivemos de partir de Eterna tão logo tu estavas com a saúde reestabelecida, Ulisses — Larsinie disse, com pesar em seus olhos castanho-avermelhados —, sem que eu e os outros tivéssemos tempo de apresentar-lhe nossos planos. O tempo urge para nós, como para o resto do mundo.

“Na costa do Ceará, um pouco além da foz do Rio Jaguaribe, existe uma ilha de difícil acesso, onde opera uma sociedade de mulheres que chamam a si mesmas de Paladinas do Nevoeiro. Quem as comanda é a Rainha do Ignoto, herdeira de uma associação promovida por Eterna com pessoas de fora dispostas a nos ajudar em troca de nossa técnica e de nossa rede de informações. A rainha, mulher magra e pequena que oculta seu rosto das próprias paladinas, que em suas missões Brasil afora disfarça-se de Diana, filha de um caçador de onças da região do Jaguaribe, ou de bruxa Funesta, aproveitando-se do véu das lendas, ou de ‘Fada do Areré’, ou ainda uma infinidade de outros disfarces femininos e masculinos, se utiliza da técnica de hipnose fornecida pelos sábios de Eterna, na qual suas paladinas parecem ter até mesmo nos excedido.”

— Hipnose? ...

— Na verdade, poderosas sugestões hipnóticas projetadas por máquinas que, dentro de um certo alcance, forçam ilusões e até pensamentos às pessoas desavisadas.

— Poderiam ter hipnotizado Bierce para que se esquecesse de Eterna — ele perguntou —, e fosse libertado?

— Certamente. E isso foi oferecido a ele. Mas recusou a oferta. Em parte, acredito, por não ser do seu gosto a ideia de ter mente e memória alteradas. E em parte, por ter encontrado um lar no seio de Dousana. Mesmo um homem duro e cínico como ele tem o direito de encontrar o amor, ainda que tarde na vida.

“Mas a Rainha do Ignoto... tem uma alma romântica e melancólica e ao mesmo tempo determinada. Ela usa a rede de informações de Eterna, em concerto com transe hipnóticos e mediúnicos, para prever acontecimentos, socorrer e intervir quando necessário. Faz isso pelo bem da justiça e em defesa das mulheres do Brasil e de outras partes.”

— Como assim, *melancólica*? — Ulisses quis saber.

— Permanentemente acometida do mal do amor — Larsinie disse, em voz baixa. — Ouça estes versos de um de seus poemas a esse respeito:

“Ficai pois de sobreaviso,  
Que ele é ruim... é vilão  
Fechai, com trancas de ferro,  
As portas do coração.<sup>2</sup>”

“Mas ela não faz grande distinção entre as violências sofridas pela mulher nas mãos dos homens, no seio de sociedades inclinadas à intriga e à malícia, e a eventos maiores e mais significativos. Pode, portanto, hoje aplicar-se a salvar uma jovem da violência nas mãos de homens inescrupulosos, e amanhã a libertar negros ainda mantidos em cativeiro em engenhos ou fazendas no sertão ou na selva, a derrubar políticos corruptos de comarcas vulneráveis às suas intrigas, ou a tirar órfãs e prostitutas das ruas.

“É grande a sua vitalidade quando não se vê presa da melancolia, e o Conselho de Eterna há décadas vinha prevendo que sua existência terminaria em suicídio, mas o surgimento de Robida em 1890 parece ter-lhe dado vigoroso alento. Mesmo na meia-idade, ela ainda comanda um exército de seguidoras fracionado pelo país, sempre disposto a reunir-se às suas ordens, e sua rede de informantes e agentes é mais eficiente do que a de Eterna, agora que Robida foi bem-sucedido em nos isolar.”

— Robida sabe das atividades dela?

Larsinie hesitou.

— Não em detalhe, creio — disse. — A princípio, você e eu estaremos seguros na Ilha do Ignoto, Ulisses. Poderemos descansar, poderemos nos informar melhor sobre o que se passa no mundo que Robida tem remodelado, e talvez até mesmo formar uma aliança produtiva com as Paladinas do Nevoeiro.

---

<sup>2</sup> Poema presente no livro de 1899, *A Rainha do Ignoto*, de Emília Freitas.



— Não em nome de Eterna, evidentemente.

Larsinie livrou a mão esquerda dos controles e com ela apanhou a mão direita de Ulisses.

— Seremos, em certa medida, agentes de Eterna — ela disse —, mas de uma facção insatisfeita com os tratos feitos com Robida. Para todos os efeitos, enfrentaremos uma luta solitária, meu bravo, com poucas chances de vitória. Talvez consigamos alguma informação, ou provoquemos algo que faça o Conselho de Eterna desafiar as vontades de Robida de uma vez por todas. Como você fez, Ulisses, ao enfrentar o campeão dos vikings da floresta.

Diante dessas palavras, Ulisses foi acometido por uma nova lembrança dolorosa. Mas a dor fantasma vinha dos punhos, e era uma dor *boa*. Ele era um lutador, afinal. Um guerreiro sem farda nem bandeira. Mas enquanto estivesse ao lado de Larsinie de Eterna, e contra o tirano Robert Robida, ainda poderia preencher sua vocação e talvez fazer diferença contra forças que arrebanhavam multidões e manipulavam energias misteriosas.

Em mais alguns minutos, a nave pilotada por Larsinie fez uma curva à direita, voltando-se para o oriente. Ainda era manhã e o sol baixo brilhava como um farol diante da jovem e do guerreiro, apontando para um futuro de mais lutas. Ulisses Brasileiro, porém, dando-se ao luxo de um sorriso, sentia-se alerta, satisfeito, feliz e livre.

—*Para Menotti del Picchia (1892-1988)*

**FIM**

